

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RAMALHO, José Ricardo Garcia Pereira . José Ricardo Garcia Pereira Ramalho (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 2min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**José Ricardo Garcia Pereira Ramalho
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Celso Castro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 28/06/2017 a 28/06/2017

Duração: 2h 2min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Anos 1970; Atividade acadêmica; Biblioteconomia; Brasil; Carreira acadêmica; Censura; Ciência política; Ciências sociais; Classe operária; Colégio Pedro II; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino superior; Estados Unidos da América; Família; Favela; Finanças; Formação acadêmica; Formação escolar; Francisco Weffort; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Gilberto Velho; Goiás; Golpe de 1964; História; Igreja; Igrejas protestantes; Inglaterra; Instituições acadêmicas; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Magistério; Manifestações populares; Metodologia de pesquisa; Moçambique; Movimento estudantil; Museu Nacional; Obras de referência; Odontologia; Partido dos Trabalhadores - PT; Periódicos; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Pós - graduação; Regime militar; Religião; São Paulo; Segurança pública; Sindicalismo; Sistema penal; Sociologia; Tomás Balduino (Dom) ; Universidade de São Paulo; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Vladimir Herzog;

Sumário

Entrevista: 28.06.2017

Origens: imigração dos avós maternos; convívio com os avós; a economia familiar e as carreiras do pai e do tio; a carreira do pai como dentista; ações de caridade dos pais na igreja protestante; a demissão do pai, por subversão, de uma organização da igreja após o golpe; a troca feita pelo pai da profissão de dentista pelas ciências sociais; o início dos estudos no colégio Pedro II; a participação no movimento estudantil; o conflito com a polícia e o ferimento do irmão na Sexta-Feira Sangrenta; o contato com os colegas do pai; trajetória do pai nas ciências sociais e como liderança no mundo protestante; a entrada para o IFCS no início dos anos 1970; a escolha da mãe por se tornar bibliotecária; as vidas profissionais dos irmãos; o início da vida acadêmica: a bolsa para terminar o 2º grau nos EUA; a experiência americana; o retorno ao Brasil no contexto do AI-5 (assinado enquanto estava nos EUA); a escolha pelas ciências sociais; o início da vida acadêmica no IFCS; os professores do IFCS no contexto da censura e vigilância; a criação e direção de um curso de formação de Artigo 99 numa favela do Catumbi; participação de um grupo de leitura de O Capital; as primeiras pesquisas de campo: influências de professores do IFCS; o interesse pelas pesquisas de campo; a pesquisa com Carlos Rodrigues Brandão na Diocese de Goiás; o episódio com Dionísio, um homem cujo nome deu origem ao nome da cidade de Diolândia, em Goiás; o convívio com Dom Tomás Balduino; a relação com a religião; os cursos durante o mestrado: o fim da graduação em 1973, a decisão de ir para São Paulo; o exame e a matrícula na USP; os cursos com Gilberto Velho, no Museu Nacional, e Luiz Antônio Machado, no IUPERJ, ao longo do ano em que esteve no Rio aguardando a bolsa da FAPESP; a chegada em São Paulo em 1975; o curso com Francisco Weffort sobre Gramsci; os cursos com Ruth Cardoso, Lúcio Kowarik, Alain Touraine; a orientação de Ruth Cardoso; a missa em homenagem a Vladimir Herzog, no dia de sua morte; a pesquisa na Casa de Detenção de São Paulo: o início da pesquisa na Casa de Detenção de São Paulo; as entrevistas com os detentos; as diferentes reações às entrevistas ao longo do tempo; a vigilância dos funcionários; o recorte de pesquisa; o contato com Julita Lemgruber e sua pesquisa sobre mulheres presas; as impressões sobre o trabalho de Dráuzio Varella sobre o Carandiru; impressões sobre o massacre, ocorrido anos depois de sua pesquisa; a publicação da dissertação; a repercussão do trabalho publicado; o trabalho no CEDI e a vida acadêmica: o trabalho como assessor sociológico do Centro Ecumênico de Documentação e Informação; os papéis e os desdobramentos do CEDI; o trabalho de contrainformação no boletim “Aconteceu”, do CEDI; o contato com as questões do operariado no Rio de Janeiro; o trabalho como professor colaborador a partir de 1979 no IFCS; as tensões entre sua vida no CEDI e sua vida na academia; a postura teórica na época, influenciada por Thompson; o Laboratório de Pesquisa Social do IFCS: a escolha por estudar o sindicalismo e o operariado no Rio durante o doutorado na USP; o Laboratório de Pesquisa Social do IFCS e a importância na sua e nas vidas acadêmicas dos alunos; as idas a Moçambique para seleção de alunos; os alunos moçambicanos no IFCS; a criação do Núcleo de Pesquisas Sindicais e do Arquivo de Memória Operária; o mestrado do IFCS e participação política: a criação do mestrado em Ciências Sociais no IFCS; as visitas da CAPES e as mudanças de nome do mestrado; as questões da ciência política no IFCS; a participação, no CEDI, na fundação do PT; os pós-doutorados na Inglaterra: os nascimentos dos filhos; os pós-doutorados na Inglaterra; a coordenação do acordo CAPES-British Council; o ano em Manchester; o trabalho de Huw Beynon; o encontro com Hobsbawm no Instituto Latino-

Americano da Universidade de Londres; a ida à casa de E.P. Thompson, já falecido na época; a pesquisa de doutorado: o surgimento do tema da pesquisa de doutorado; os conflitos geracionais na fábrica pesquisada; as configurações dos trabalhadores da fábrica; intenções e percepções à época da pesquisa; a pesquisa com a fábrica fechada; a ligação das Ciências Sociais com a História; SBS, CAPES e Anpocs: o trabalho com Sérgio Adorno na SBS e na CAPES; o trabalho pelo crescimento da pós-graduação em Ciências Sociais e Sociologia no Brasil; a importância da participação de professores na CAPES; o trabalho na Anpocs; diferenças entre SBS e Anpocs; o cargo de presidente da Anpocs; características da Anpocs; pesquisas e projetos atuais: o trabalho como editor da revista Estudos do Trabalho; as pesquisas atuais; projetos desenvolvidos atualmente; parcerias com professores da USP, da UFMA e da UFPB; o trabalho na formação de pesquisadores; a importância dos programas de intercâmbio da CAPES; um livro fundamental em sua formação.

Entrevista: 28/6/2017

C.C. – José Ricardo, em primeiro lugar, obrigado por colaborar com o nosso projeto de pesquisa. É um prazer tê-lo aqui.

J.R. – Eu que agradeço.

C.C. – Bom, vamos seguir a sua trajetória biográfica, profissional, acadêmica, mas, começando, é inevitável, falar da sua família. Até porque seu pai, que eu tive prazer de ser aluno no finalzinho da carreira dele de professor, Jether Ramalho, é um personagem muito importante, também, nesse contexto das Ciências Sociais. Então, eu quero falar da sua origem: nascimento, família, primeiros estudos.

J.R. – OK. Eu queria falar um pouquinho dos meus avós. Eu acho que eles têm a ver, primeiro, com o processo de imigração para o Brasil: meus avós por parte de mãe vieram da Espanha, da Galícia, vieram como migrantes para trabalhar na América Latina...

C.C. – Para o Rio de Janeiro?

J.R. – Não. Vieram, na verdade, para Buenos Aires e terminaram saltando em Santos e ficaram e, a partir dali se estabeleceram no Brasil e tal. Por parte de mãe. Pessoas muito simples, que vieram ganhar a vida aqui, fugindo, um pouco, das condições de vida na Europa e tal. E, por parte de pai, meu avô por parte de pai era operário têxtil do interior do estado do Rio e, depois de um certo período, resolveu ir para um seminário protestante e virou pastor protestante. Meu avô.

C.C. – Você conviveu com seus avós?

J.R. – Convivia com eles e, inclusive, fui batizado numa igreja protestante pelo meu avô. Minha avó era de origem... Meus bisavós eram portugueses e também... Enfim, então, tem essa origem, Portugal, Espanha e tal, mas pessoas muito simples, e sempre tiveram uma vida com muita dificuldade, muitas... enfim, muitos percalços na vida, etc. A geração do meu pai é uma

geração... foi a primeira geração que conseguiu atingir a universidade. Então... Mas havia uma... digamos, uma economia doméstica de modo que o filho mais velho, que foi meu tio, foi separado para fazer faculdade de medicina e virou médico porque ele seria a pessoa que ia manter a família por mais tempo, e o meu pai, como era o segundo filho, para ele foi destinada a carreira de Odontologia, de dentista, por uma razão muito simples: porque o dentista se formava em três anos, e ele podia imediatamente atender as pessoas e arranjar dinheiro, inclusive, para manter o meu tio fazendo o curso de medicina. Então, tem esta história familiar. Minha tia, a terceira, é professora. Minha avó e meu avô, depois, tiveram um colégio em que davam aula de primeiro... hoje, primeiro grau, ginásio e tal. Então, tem esta história inicial. Então, meu pai, por exemplo, trabalhou durante 20 anos como dentista, no subúrbio do Rio. Teve uma trajetória bem-sucedida como dentista. Inclusive, arrecadou, assim, digamos, recursos para o resto da sua vida a partir desse trabalho. Mas uma coisa que ele tinha, depois, quando ele se casou com a minha mãe – minha mãe...

C.C. – Lucília.

J.R. – Lucília, que é recentemente falecida, e... foi preparada pelos pais para casar bem e casou com meu pai, dentista, no bairro de Bento Ribeiro, no subúrbio do Rio de Janeiro, etc. Então, uma coisa que os dois sempre fizeram, e passaram isso muito fortemente para os filhos, foi uma postura diante da vida, diante das injustiças do mundo, das desigualdades, sempre muito ativa. Muitas vezes, ou na maioria das vezes, em termos de caridade, mesmo. Então, todos os dois participaram muito intensamente em eventos e em organizações da igreja protestante que cuidava das pessoas mais pobres. Meu pai foi presidente de um abrigo evangélico da Pedra de Guaratiba que existe até hoje, que recebia pessoas... crianças órfãs e tal. Minha mãe, também. Então, sempre teve este lado da preocupação permanente em ajudar os outros e tal. Isto foi uma coisa muito importante na minha formação, marcou muito eu e meus irmãos, e isso teve, também, uma... uma relação com a conjuntura de quando eu comecei a pensar em opções de vida, porque isso coincidiu, nesse período, com o período pré-golpe militar de 1964, e, nesse contexto, meu pai, que trabalhava numa organização da igreja protestante, foi despedido com a acusação de ser subversivo. E essa...

C.C. – Antes do golpe, ainda?

J.R. – Antes do golpe. Não, logo em seguida ao golpe. E, aí, ele fez uma... Ele e minha mãe resolveram dar uma guinada forte na vida – foi uma coisa impressionante –, que ele resolveu, então, abandonar gradativamente a profissão de dentista e resolveu fazer Ciências Sociais. Então, ele entrou para a faculdade em 1964 e, curiosamente, foi colega de várias pessoas que, depois, foram meus colegas, como o Gilberto [Velho], Yvonne [Maggie] ...

C.C. – Gilberto e Yvonne falam dele como aluno.

J.R. – É. Exatamente.

C.C. – Colega e tal...

J.R. – Só mais uma coisa: nesse período também, é importante falar, que eu fui sempre incentivado a estudar em escolas públicas, sempre estudei em escolas públicas, e, na época, tinha uma espécie de um vestibular para o Colégio Pedro II. Era uma... um verdadeiro vestibular: tinha 10 mil candidatos para poucas vagas e tal. Eu fiz esse... Me preparei para ser aluno do Pedro II e virei aluno do Pedro II no início dos anos 1960. Isso também teve uma influência grande na minha formação, porque não só o Pedro II era um colégio excelente, um colégio de alto nível, naquela época – eu considero que permaneça assim, ainda, de bom nível –, mas também um colégio que teve uma participação muito grande no período pós-1964, com o movimento estudantil, etc. Então, coincidiu o movimento estudantil crescer depois do golpe, até 1968, e o Pedro II, eu era secundarista, eu e meu irmão, estudávamos no Pedro II, do Centro, e o Pedro II teve uma importância na vida da gente, nesse sentido, porque, enfim, foi convocado pelos estudantes universitários para participar das passeatas, participar das... Então, o Pedro II foi, nesse sentido, interessante, muito interessante para mim. A gente participou muito, nesse período de passeata, como... na verdade, com mais admiração por certas lideranças estudantis que tinha, mas participamos e, em um determinado momento, inclusive, num choque com a polícia, meu irmão foi baleado na perna e quase perdeu a perna, numa das passeatas que foi conhecida como a Sexta-Feira Sangrenta. Foi um pouco antes da Passeata dos Cem Mil, que foi logo em seguida. Nós estávamos em frente à embaixada americana, ali perto da Cinelândia, e, enfim, aí, houve um conflito, e um guarda da Polícia Militar atirou na multidão e meu irmão

foi baleado. Enfim, então, até mesmo nesse contexto, que podia ter tido um fim trágico e tal, os meus pais sempre foram muito solidários e em momento nenhum negaram que a gente estivesse fazendo alguma coisa errada ou alguma coisa assim. Então, é um pouco esse contexto. O fato do meu pai ter resolvido fazer ciências sociais em 1964 foi importante, também, porque eu, como adolescente, passei a conviver com alguns dos colegas dele, na hora de fazer trabalho de grupo e tal. Então, me lembro muito da Yvonne, do Gilberto, mas também da Margarida Moura, Eliana Cardoso, pessoas que faziam parte dessa turma e que, depois, acabaram sendo, de alguma forma, colegas e tal, e eu ficava muito admirado daquele grupo jovem em volta do meu pai, que já tinha, nessa época, 40, 40 e poucos anos...

C.C. – Eram pouco mais velhos que você, não é?

J.R. – Exatamente. Um pouco mais.

C.C. – Quatro, cinco anos.

J.R. – Eu tinha 15, a Yvonne devia ter uns 17, 18, por aí, naquela época. Enfim, então, meu pai se envolve nas Ciências Sociais e ele vira assistente do professor Evaristo de Moraes Filho, na Faculdade Nacional de Filosofia, e depois faz concurso e passa a ser professor do IFCS. E, aí, teve, enfim, uma trajetória de cerca de dez anos ou mais como professor, mas eu diria que o grande envolvimento dele político não foi como professor, foi como uma liderança no mundo protestante e especialmente com relação à questão do ecumenismo, que foi uma coisa que ele espalhou pela América Latina inteira, etc., teve uma ligação muito forte com o Conselho Mundial de Igrejas e tal. E a partir desse movimento que se criou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação, que existiu até o início dos anos 1990 e que tem toda uma história que combinava religião, enfim, pessoas ligadas com a igreja com uma opção clara política de esquerda, e conseguiu reunir, nesse conjunto, também, intelectuais, principalmente da área de ciências humanas, nesse grupo, para discutir como fazer, principalmente, a questão de assessoria a movimentos sociais, etc. Isto, para mim, foi uma coisa muito importante, também, porque eu passei a participar disso no momento em que entrei para o IFCS, no início dos anos 1970, e marcou muito, também, a minha trajetória essa combinação, um pouco, entre trabalho

acadêmico, mas também, um trabalho acadêmico que tinha, de alguma forma, uma... alguma coisa a dar para, enfim, os trabalhadores, principalmente, os movimentos sociais e tal.

C.C. – Agora, deixa eu perguntar da sua mãe. Você mencionou que ela era professora, ou se tornou professora, depois?

J.R. – Minha mãe, convivendo com todo esse movimento do meu pai... voltando para a faculdade, os filhos adolescentes todos fãs de Cinema Novo e já meio de esquerda e tal, não sei quê, ela achou que tinha que deixar de ser só dona de casa, então, ela foi fazer um curso universitário. Ela se transformou em bibliotecária. E exerceu a profissão durante, sei lá, uns dez anos, mais ou menos, e tal.

C.C. – Eram quantos filhos?

J.R. – Nós somos quatro. Eu sou o mais velho. Depois, tem o meu irmão, Luís Ramalho, que mora na Alemanha hoje, que é sociólogo também, e que também tem uma história toda relacionada, um pouco, com essa questão da repressão de 1964 – acabou morando na Alemanha não por opção, mas por obrigação, porque ficou ameaçado de sofrer com a Lei de Segurança Nacional da época. Tenho um outro irmão, que é engenheiro agrônomo da [Universidade] Rural do Rio de Janeiro, que mora em Campos, e a minha irmã, que é fonoaudióloga, trabalha aqui na Prefeitura do Rio de Janeiro. Meu irmão é sociólogo pela Universidade Livre de Berlim. Ele virou um pouco obrigado pelo fato de ter que ficar na Alemanha por questões políticas.

C.C. – Você mencionou o Pedro II, que você fez. Era onde, o Pedro II?

J.R. – Aqui, o Pedro II do Centro. O primeiro.

C.C. – E esse contexto de mobilização política, que era muito forte, na época, e... Bom, você pegou, lá, então, o AI-5, por exemplo, quando você estava como aluno.

J.R. – No AI-5, eu estava... É.

C.C. – Estava no finalzinho.

J.R. – Bom, primeiro, aconteceu uma coisa curiosa, porque eu estava nesse contexto todo de movimento estudantil e apliquei para fazer, para terminar o meu curso de segundo grau nos Estados Unidos, e aí, no meio dessa confusão e tudo, eu ganhei uma bolsa do American Field Service, que se chamava, e fui passar um ano nos Estados Unidos. Então, meu diploma de final do segundo grau é o diploma de uma escola americana.

C.C. – Você foi em que ano?

J.R. – Eu fui em 1969, 1970. Voltei em... Eu fui em meados de 1969 e voltei em 1970. Não. Meados de 1968, e voltei em meados de 1969.

C.C. – Então, quando você voltou, já tinha... Era um contexto diferente.

J.R. – É, já voltei, aí, para... Já voltei em um contexto diferente. Embora... A experiência nos Estados Unidos foi superinteressante, também, porque eu vivi nos Estados Unidos num período de muita movimentação política e cultural. Então, o movimento todo de Woodstock, rock, também, os Panteras Negras, todo o movimento de resistência negra, nos Estados Unidos, está muito intenso, nesse período.

C.C. – Você viveu em que cidade?

J.R. – Numa cidade perto de Pittsburgh, na Pensilvânia. Uma cidade industrial...

C.C. – Morou com uma família?

J.R. – Morei com uma família...

C.C. – Intercâmbio, não é?

J.R. – Morei com uma família americana durante um ano.

C.C. – E como foi tua experiência americana? Além desses acontecimentos, vamos dizer, culturais da época?

J.R. – Foi ótima. Foi muito boa porque [me proporcionou] uma experiência... Eu estava... tinha muito... Bom, para mim, para começar, aprendi inglês, a falar inglês com fluência, mas também tive convívio com um grupo de estudantes inter... um grupo internacionalizado de estudantes, que estavam fazendo aquele intercâmbio muito interessante. Então, também tive muitos amigos, fiz muitos amigos a partir daí, e vivi uma escola americana, que é uma escola espetacular em termos de recursos, em termos de discussão, de debate e tal. Foi muito interessante nesse sentido. É... Mas...

C.C. – Mas e em relação à tua vida [inaudível] a sociedade brasileira e americana, da época, como adolescente?

J.R. – É. Na verdade, esse programa dos americanos é um pouco para fazer propaganda do *american way of life*. Então, é um pouco esse o espírito. Mas eu fui com tanto pé atrás para lá, que eu acho que eu vacinei...

C.C. – Acabou gostando.

J.R. – Conseguiram me vacinar, por um lado. Mas, por outro lado, a experiência pessoal, eu achei boa, também. Eu retornei. Fiquei na dúvida se eu estudava... se eu fazia Arquitetura ou fazia Ciências Sociais. Fiquei na dúvida. Cheguei a pensar em fazer Arquitetura. Gostava muito de arquitetura, de desenho e tal. Mas acabei fazendo Ciências Sociais porque meu pai estava, já, dando aula e porque o contexto político, também, era um contexto que, quando você pensa em termos de militância, era o caminho natural você fazer Ciências Sociais. Naquela época, era. Hoje, acho que ainda é um pouco assim, mas, na época, era muito forte. Então, se você queria contestar o regime e tal, Ciências Sociais era o caminho natural. E o IFCS foi a... Eu fui da primeira turma a ocupar o prédio que é, hoje, o prédio do IFCS, porque antes era na Rua Marquês de Olinda, onde houve invasão policial, etc. Meu pai e Gilberto sabem... sabiam muito bem desse contexto e sofreram, inclusive, inquérito com isso e tal. Em 1970, no IFCS foi... o

IFCS... Aquele prédio do IFCS era um prédio que uma parte dele ficava abandonada, fechada, e dividimos, acho que, espaço com a Geografia, que ficava no primeiro andar. e as Ciências Sociais e História ficavam no terceiro, segundo e terceiro andares. E a gente... Eu me lembro que... lembrava que a gente não podia... não conhecia o espaço do IFCS. Em geral, ficava nos corredores, numa cantina que tinha lá, e a sala de aula. E esse período é o período que coincidiu com o período mais duro da ditadura, que foi o período do Médici – 1970 a 1973, foi o período que eu estudei lá, período em que a gente encontrava e identificava agentes policiais sentados em salas de aula, etc.

C.C. – Isto você mencionou para o memorial, não é? Esse clima de repressão, vigilância... cuidado. Agora, como é que eram os cursos nesse contexto? Podia-se discutir autores, ler...?

J.R. – É, isso... Eu, hoje, tenho uma... Quer dizer, na época, talvez a gente fosse um pouco rígido demais com os professores, mas os professores que assumiram aquele período foram... tiveram uma jornada difícilíssima, porque eles eram vigiados... eu falo isto: eles foram vigiados, por um lado, por toda a esquerda presente no IFCS como alunos – qualquer coisa que falassem que não fosse muito Marx e tal era um problema –, e eram vigiados pelo professor Eremildo Viana, que era o diretor e que realmente perseguia professores que saíssem, digamos, da linha e tal. Essa geração que assumiu nesse período, eu tenho uma enorme admiração porque foi uma geração que substituiu os professores que foram caçados na FNFi. Então, são todos professores que resolveram se profissionalizar enfrentando essa situação, inclusive tendo que substituir pessoas que eram reconhecidas como pessoas que contestavam o regime, etc.

C.C. – Agora, você menciona no memorial – e, alguns anos mais à frente, eu, como aluno do IFCS, peguei, também – que os alunos todos eram de esquerda. Mas eu já peguei num contexto de abertura, diferente. Nesse período, o diretor do instituto é um sujeito famoso por ser de direita, conservador, autoritário... Muitos professores eram: o Gilberto falava, a Vanda Torok... Personagens que eram muito... Mas os alunos eram muito de esquerda, então, tinha uma certa... separação...

J.R. – Houve... Quer dizer, na verdade, a gente convivia, e, entre nós, também havia várias divisões, porque esse período é o período em que ficou colocada a possibilidade de as pessoas

irem para a clandestinidade, luta armada, etc. Ao mesmo tempo, nesse mesmo período, surgiu todo um movimento de contracultura, entendeu? Então, tinha alguns colegas que entraram na fase da contracultura.

C.C. – Desbunde.

J.R. – É, desbunde e tal. E um grupo do qual eu fazia parte que achava que não era o caso de luta armada, mas que era necessário haver uma conexão, algum tipo de conexão entre os cientistas sociais e o povo – que a gente chamava o povo. Classes populares e tal. E nesse contexto que nós fizemos uma experiência muito interessante de... que teve a ver com um projeto da Igreja Católica, do Colégio São Vicente, na verdade, numa favela no Catumbi. Nós criamos um curso de formação de 1º... de Artigo 99, que chamava. Então, tinha...

C.C. – Para adultos?

J.R. – Para adultos. Então, o pessoal descia da favela e a gente tinha aulas de várias matérias para eles fazerem o exame de Artigo 99 e ganhar o diploma de, hoje seria, 1º grau, fundamental e tal. Foi uma experiência incrível que juntou pessoas do IFCS, mas também outras pessoas, por exemplo... bom, enfim, alguns dos meus colegas do IFCS, mas gente que trabalhava no Colégio São Vicente também, e essa experiência é uma das experiências mais marcantes para mim, porque eu dirigi esse curso, durou mais ou menos uns dois anos. A gente acabou porque também começou a divergir politicamente do que fazer com aquela experiência. Mas, enfim, então, isso constituiu um grupo político dentro do IFCS que era diferente dos grupos que ora estavam votando pela clandestinidade, ora pela luta armada, etc. E isso tudo aparecia nas salas de aula. Então, os professores tinham que andar numa linha bem... Você está... Então, por exemplo, a professora Estela, que uma das pessoas que eu mais admiro, ela tinha a coragem de dar aula sobre Durkheim e Weber e tal e era execrada porque dava aula de autores que eram reacionários, etc. Ao mesmo tempo, alguns professores deram aula com textos de Marx – eram proibidos. Uma das coisas que nós fizemos, uma vez, foi fazer uma edição pirata de *A ideologia alemã*. Fizemos com uma capa sem o nome, e circulou entre os alunos para o pessoal ler e tal. E, além disso, eu participei, nessa época, de um grupo de estudos de *O capital*.

C.C. – Grupo de leitura. [inaudível]

J.R. – É. Grupo de leitura.

C.C. – Que teve em vários lugares.

J. R. – Em vários lugares.

C.C. – É. E o teu era o Carlos Alberto Messeder...

J.R. – O meu era o Carlos Alberto, o Carlos Augusto e o...

C.C. – Addor?

J.R. – E o nosso mentor era o Alexandre Addor, que era já um economista, que tinha sido caçado, enfim...

C.C. – Aí, vocês liam com regularidade...

J.R. – Não, a gente lia praticamente toda semana. Íamos página por página tentando decifrar o Marx, e aquilo foi tomado como uma tarefa política. Isso, por um lado. Por outro lado, nós fizemos uma coisa, também, um pouco para ajudar os professores: em alguns momentos, quando a gente achava que as aulas não estavam indo muito bem ou que tinha... nós, um pouco, assumíamos a tarefa de fazer uma discussão e tal. Nós nos preparávamos antes para a aula. Fizemos isso com alguns professores e foi muito bom. E muita coisa teatralizada, também. Tipo, em vez de fazer um seminário – as pessoas falando, apresentando e tal –, a gente fazia um teatro, com muita ironia, etc. Então, isto foi... foram estratégias utilizadas.

C.C. – Você foi aluno da Neide [Esterci]?

J.R. – Bom, aí, como aluno do IFCS... Aí, tem dois tipos de influência: uma influência mais macro, através, enfim, da leitura dos clássicos, mas também da leitura de autores importantes

da sociologia brasileira, principalmente paulista: Juarez Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues, Florestan, naturalmente, Fernando Henrique e outros. Mas eu tive, com os professores da antropologia, uma entrada que me agradou muito, que é essa coisa da pesquisa, de fazer pesquisa. Então, a Neide foi fundamental para mim porque ela reproduzia nas aulas, não só a experiência dela de pesquisa como também as suas dúvidas, etc. Então, isso... E os trabalhos eram trabalhos que exigiam que você também fizesse entrevista, pesquisa, etc. Então, isto foi uma coisa muito importante. Mas não só a Neide; Yvonne, também, e... Não fui aluno do Gilberto, mas... essa coisa da... A Rosilene{Alvim} foi minha colega, também. Então, toda essa experiência de fazer pesquisa que... E tinha uma relação também, um pouco, depois, com o pessoal do Museu e tal. Isso acabou me entusiasmando muito para essa coisa de fazer pesquisa, pesquisa de campo. E, aí, eu tive uma experiência, nos anos 1970, ainda como estudante, que foi muito importante, que foi uma pesquisa de que eu participei com o Carlos Brandão, na Diocese de Goiás.

C.C. – Carlos Rodrigues Brandão?

J.R. – Carlos Rodrigues Brandão. Que, na época, estava fazendo mestrado, ainda, na UnB, orientando do Roberto Cardoso de Oliveira...

C.C. – Depois, ele foi para a Unicamp.

J.R. – Depois, ele foi para a Unicamp. O Carlos Brandão, que é um excelente antropólogo – ainda hoje, é uma pessoa muito... referência na antropologia brasileira –, ele tinha uma facilidade muito grande para o trabalho de campo, e isso me ajudou demais. Isso foi muito... Foi um período... Eu estava no meio do curso de graduação, então além das coisas que eu estava aprendendo no IFCS, eu tive essa grande experiência durante... Foram duas experiências grandes em dois anos diferentes, no interior de Goiás.

C.C. – Ainda enquanto aluno?

J.R. – Enquanto aluno. Eu escrevi... As primeiras publicações minhas já eram como aluno de graduação, junto com o Brandão, nessa época.

C.C. – Só por questão de... Você e a Neide se casaram...?

J.R. – Nós nos casamos já foi em 1976, já. Ela já não estava mais no IFCS, estava fazendo pós-graduação na USP, nesse período. Bom, então, essa experiência com o Carlos Brandão é uma experiência legal, e teve um incidente superinteressante – eu sempre gosto... Vou contar rapidamente.

C.C. – Claro. Fique à vontade.

J.R. – Eu sei que a gente não tem muito tempo, mas...

C.C. – Não, temos, sim. O tempo que precisar. Fique à vontade.

J.R. – Que foi a segunda vez que nós fomos. Nós já tínhamos passado por uma cidade, estávamos fazendo pesquisa numa cidade que se chamava Diolândia.

C.C. – Isso em Goiás?

J.R. – Em Goiás. E o nome da cidade era por causa de um Dionísio, senhor Dionísio, que a gente não achava em lugar nenhum, da primeira vez que a gente esteve lá e tal. Da segunda vez, o Carlos Brandão estava fazendo um trabalho de curso, na UnB, sobre parentesco. Então, nós buscamos o senhor Dionísio e descobrimos que ele morava numa cidade, sei lá, a uns 80 km acima de Diolândia. E fomos lá, ele nos recebeu muito desconfiadamente, mas não pareceu nada estranho, e aí passamos a manhã gravando uma conversa com ele, e o Carlos Brandão perguntando todos os detalhes da família, os pais, não sei quê, para estabelecer a rede de parentesco e tal, e acabou a conversa, fomos para Diolândia. E, aí, houve um desencontro – felizmente, houve um desencontro, porque o seu Dionísio já tinha sido... já tinha havido dois ou três atentados contra a vida dele e ele achou que nós tínhamos ido lá confirmar que era ele mesmo para matá-lo. Então, antes disso, ele pegou o carro e foi atrás de nós para nos matar no meio da estrada. E foi... É uma história incrível. Depois, o Brandão, o Carlos Brandão, escreveu num livro, contou um pouco isso com mais detalhes e tal. Mas, resultado, houve um

desencontro... sei lá... Porque que houve um desencontro, eu não sei, mas quando o seu Dionísio chegou em Diolândia e que perguntou: “Cadê aqueles dois matadores? Devem ter passado por aqui”, aí, o pessoal falou: “Não, mas eles não são matadores, não. São dois professores. Estão ali, naquela casa ali”. E aí ele entra na casa com um saco cheio de bala, com um monte de dinheiro na mão e com uma pistola na mão, falando: “Ia matar dois inocentes”. Ia matar dois... [Riso.] Então, vocês imaginam...

C.C. – Falou para vocês? Vocês se encontraram?

J.R. – Falou para nós. E eu... Eu, as minhas pernas tremiam. Eu sentei na cadeira porque não conseguia ficar em pé, porque achei que...

C.C. – E lá, naquela época, podia matar, mesmo. Não era brincadeira.

J.R. – Podia matar, mesmo. Não, seria... Naturalmente, seria. E o Carlos Brandão também ficou todo nervoso. Falou: “Não, nós somos professores da universidade. Aqui, nossa carteira”, tentando mostrar a carteira.

C.C. – Só indiscreto, fazendo suas perguntas sobre família, parentesco... [risos]

J.R. – Pois é. Então, esses... Essa experiência... Depois, eu tive uma experiência na casa de Detenção de São Paulo que também foi...

C.C. – Na casa?

J.R. – De detenção de São Paulo.

C.C. – Detenção.

J.R. – O Carandiru.

C.C. – Sim, sim.

J.R. – Vai dar na minha pesquisa. Mas, enfim, só, então, para fechar isso: então, o Carlos Brandão... Foi uma pesquisa encomendada por Dom Tomás Balduino, que tinha essa ligação, já, com [inaudível]

C.C. – Da Comissão Pastoral da Terra. Bispo de Goiás.

J.R. – Essa ligação com o [inaudível], e o Carlos Brandão era professor da Universidade Federal de Goiás, então, foi um contato imediato que fizeram. E aí ele me chamou, o Carlos Brandão, em busca de uma pessoa que auxiliasse; falou: “Não, o José Ricardo está fazendo ciências sociais, então, [deixa ele vir comigo]”.

C.C. – Você conviveu com o Dom Tomás Balduino? Ele era uma pessoa muito vigiada pelo regime militar, pela atuação dele. Assisti palestra dele, enfim...

J.R. – Então, eu tive uma relação com o Dom Tomás muito forte, a ponto dele virar, depois, o padrinho do meu filho mais novo, que se chama Tomás em homenagem a ele.

C.C. – Deixa eu te perguntar só a questão religiosa: você é de uma família protestante, embora muito ecumênica, vamos dizer assim, a orientação do Jether... Mas a questão propriamente religiosa: você virou padrinho de um bispo católico. Como é que é?

J.R. – Todo mundo me pergunta: “Mas que história é essa?” [inaudível]

C.C. – Como é que era essa história?

J.R. – Não, eu não sou religioso. Frequentei até, enfim, o final da minha adolescência, tinha alguns amigos, também, na... aí, já na igreja de Ipanema – fui contemporâneo da Ana Cristina Cesar, da Eliane Costa e tal, e... Então, a gente tinha um grupo, que, por acaso, eram todos da igreja e tal... Até aí. Depois disso, eu não frequentei mais. Mas tenho, enfim, convivo com as pessoas, e, com o Dom Tomás, a gente ia lá, assistia a missa e tal, mas nunca fui, assim, religioso, embora tenha toda essa história anterior de avô... Meu tio tinha programa na Rádio

Copacabana, de... Meu pai sempre achava que ele era pastor, ainda tinha essa coisa... Mas comigo, não. Nem com os meus irmãos.

C.C. – Culturalmente religioso. Tenho um amigo americano que se define assim.

J.R. – Culturalmente religioso. É. Bom, aí, com relação à... Aí, minha pós-graduação. Passar para...

C.C. – Mas deixa só... Faz só uma paradinha.

[ENTREVISTA INTERROMPIDA]

C.C. – [E] o mestrado. Quando você acaba a graduação... É 1973, não é?

J.R. – 1973.

C.C. – Qual era a perspectiva, vamos dizer, em termos de...?

J.R. – Eu queria seguir na carreira acadêmica. Era uma coisa decidida e tal, e, inclusive, a possibilidade... existia uma perspectiva de, eventualmente, fazer mestrado com o Gilberto no Museu, por exemplo, nessa época. Mas, aí, eu estava...

C.C. – Você menciona, no memorial, que você fez curso com o Gilberto no Museu e com o [Luiz Antônio] Machado no IUPERJ.

J.R. – É, pois é. Isso. Pois é, porque, aí...

C.C. – Dois pesquisadores urbanos [inaudível]

J.R. – Exatamente. Porque, aí... Quer dizer, a decisão de ir para São Paulo passou por várias coisas, inclusive por coisas pessoais, do tipo: estava querendo sair de casa, estava querendo ir para outro lugar, não estava querendo ficar... estudar aqui, morar... morava com os meus pais,

ainda, nessa época, e tal. Falei: “Não, é uma forma de sair, também”. E, aí, me pareceu... Conversando, depois, com o Gilberto, também, me pareceu natural tentar com a Ruth Cardoso, em São Paulo.

C.C. – Ele foi fazer o doutorado com ela, depois.

J.R. – É, que ele tinha feito o doutorado e tal. Mas eu fiquei um pouco dividido... Na verdade, a minha preocupação, naquela época, era estudar a questão da marginalidade, que era até uma temática muito presente na literatura da sociologia latino-americana, brasileira também, mas não sabia muito bem... estava meio nebuloso – eu montei um projeto um pouco nessa linha e fui fazer um exame lá na USP. A Ruth tinha 12 candidatos e duas vagas. Eu falei: “Ah, caramba, vai ser difícil”. Era uma banca da Ruth e o Juarez Brandão Lopes. O Juarez Brandão Lopes, que é uma figura fantástica, foi da minha banca de entrada na pós-graduação, foi da minha banca de doutorado e foi da minha banca de titular. [Risos] Enfim, ele fez o percurso. Mas, enfim, acabei entrando e... Só que eu queria... precisava da bolsa da Fapesp para me mudar para São Paulo e a bolsa só saía no ano seguinte. Então, eu tive que ficar um ano aqui, no Rio, antes de ir para São Paulo. E nesse...

C.C. – Mas já matriculado no mestrado?

J.R. – Já matriculado.

C.C. – Aí que você fez os cursos do Gilberto e do Machado?

J.R. – Exatamente. Aí, eu falei: “Vou fazer, então, o curso de pessoas que... de temas que tenham a ver com o meu trabalho”, inclusive para definir um pouco o que é que eu queria fazer nessa linha. E os dois cursos foram essenciais, porque [tanto o] Machado... O Machado era um grande especialista, e o Gilberto estava bombando com aquele curso dele, naquela época... Eram muito importantes.

C.C. – Eram muito desbravadores dessa temática, não é, na época, também?

J.R. – É, foi muito bom. Foi muito... Acho que foi muito acertado fazer aquilo. Quando eu cheguei pra São Paulo, eu já tinha feito esses dois cursos, aí, as coisas começaram a ficar um pouco mais claras em termos de o que eu gostaria e tal. Conversei bastante com a Ruth e, lá, fiz alguns cursos, também – antes de falar da pesquisa –, fiz alguns cursos que foram muito importantes. Eu me refiro sempre ao curso do Francisco Weffort – um curso sobre Gramsci – especialmente sobre Gramsci –, um curso... um professor brilhante, o Weffort é um professor brilhante.

C.C. – Gramsci, aí, era uma novidade. Porque, por exemplo, na graduação, era mais a questão do marxismo ou do estruturalismo – Althusser, Poulantzas...

J.R. – É, o Gramsci era uma novidade nesse sentido.

C.C. – O Gramsci era uma novidade já nesses meados dos anos 1970.

J.R. – Muito legal. E eu fiz curso, também, com a Ruth, fiz um curso excelente, também, com o professor Lúcio Kowarik, que era também uma pessoa importante nessa área de estudos urbanos, e fiz, também, um curso com o Alain Touraine, que estava na USP naquele período. Então, também tive a experiência pessoal de conhecer o Alain Touraine.

C.C. – E a experiência de São Paulo e da USP, que é um meio acadêmico diferente, uma cidade diferente?

J.R. – Eu acho, até hoje, que foi uma experiência acertada de sair da UFRJ para ir para a USP. Não continuar fazendo toda a pós-graduação na UFRJ. Porque a USP me deu uma... O fato de ter virado estudante *full time*, com a bolsa... Eu fui morar em São Paulo, tinha a bolsa da Fapesp.

C.C. – A Neide foi com você?

J.R. – Não, não. A Neide foi depois. Foi já no final...

C.C. – Você se casou... Ah, 1976.

J.R. – 1976.

C.C. – Perdão. Então, no final do mestrado, mesmo.

J.R. – Isso, eu fui para lá em 1975. Os dois primeiros anos. E aí eu tive essa coisa, assim, da vida universitária, de poder ir à biblioteca... A USP tem um espírito de corpo, assim, mais interessante; a UFRJ é muito fragmentada, muito dispersa e tal. Isso por um lado. Por outro lado, a Ruth era uma pessoa muito agregadora, entendeu? Então ela fazia regularmente encontros dos orientandos dela para discutir as pesquisas e tal. Isso é uma coisa fantástica. É, até hoje, importante para os estudantes de pós-graduação, discutirem suas pesquisas, então... Eu fiz isto com os meus colegas, que eram a Maria Célia Paoli, a Guita Grin Debert, o Arthur Eid e o Mauro Almeida. Então são pessoas que, hoje, são pessoas... Foram meus colegas nesse processo aí, muito importante. O Lúcio Kowarik, teve uma... Duas coisas interessantes nesse percurso do Lúcio Kowarik que eu acho que vale a pena contar. Então, uma é o fato de... Foi no dia de uma aula do Lúcio Kowarik que todo mundo sobre da morte do Vladimir Herzog. E ia ter uma missa na Sé, na Catedral da Sé, na parte da tarde, e aí nós chegamos na sala de aula com o Lúcio e falamos: “Lúcio, não tem condição de gente ter aula, hoje, com esse negócio. Vamos todo mundo para a missa”. Então, foi todo mundo para a missa. Então, essa é a primeira coisa. E, aí, quando eu cheguei na missa – cheguei já, a igreja estava cheia, bem cheia, e, atrás, tinha uma fileira, assim, muita gente na frente, levantando a cabeça para tentar ver e tal, e do lado tinha um baixinho, assim, carequinha, tentando... mas era mais baixo do que eu, não conseguia – e o tal era nada mais, nada menos do que o Foucault, que estava, também, na missa, que ficou lá, tentando lá, com a pontinha do pé, pra ver o negócio. Então, esse é um dos episódios curiosos que depois se repetiram comigo na Inglaterra, quando eu morei na Inglaterra com o Hobsbawn e com o [E. P.] Thompson, mas isto eu vou contar mais adiante. Mas, enfim, então, houve uma combinação importante dos cursos que eu fiz aqui no Rio com os cursos de São Paulo, e, aí, a partir daí, é a hora da definição de como fazer... Queria fazer trabalho de campo; e a questão da marginalidade e tal, aquela coisa macro... Aí, conversando com a Ruth, evoluímos para uma coisa... para um lado da marginalidade que seria o crime, a criminalidade. E, aí, a possibilidade de conversar com criminosos fora da cadeia era uma coisa – ainda mais

morando em São Paulo – aqui, no Rio, também seria difícil – então, muito difícil, muito mais arriscado...

C.C. – Você já tinha escapado daquela... daquele monte de coisa...

J.R. – Pois é, exatamente. E, aí, houve uma chance incrível que foi... A ex-mulher, mas na época, mulher, do Mauro Almeida tinha um... um amigo do pai dela era médico na Casa de Detenção de São Paulo, que ficou conhecida como Carandiru, mas, na época, o pessoal só falava Casa de Detenção de São Paulo. Que era uma cadeia... Enfim, já foi demolida e tal. É um símbolo da cadeia mais brutal da América Latina. E aí, através desse médico, pai da... não estou me lembrando do nome dela, agora, da mulher do Mauro – ele me colocou em contato com o chefe do expediente da Casa de Detenção. E aí, é como essas pesquisas começam, assim: “Não, eu estou fazendo um trabalho de faculdade e tal. Só quero conversar com preso e tal”. Só que eu comecei esse processo e, depois, durou um ano e meio esse trabalho de campo. Fui: “Não, mas eu preciso voltar aqui, não sei quê e tal”. Toda essa preparação, que acabou funcionando – com alguns percalços no meio, mas funcionando –, e me trouxe, também, mais dúvidas com relação a como tratar dessa temática, porque a minha primeira ideia era associar imediatamente a criminalidade à pobreza. Como uma coisa, assim, imediata.

C.C. – Que era um senso comum sociológico, também. Não só...

J.R. – Um senso comum. É, exatamente. Aí, de repente, começo a conversar com os presos e a descobrir que tinha um mundo todo articulado, todo cheio de classificação, de valores e tal; falei: “Poxa, isso aí é uma novidade. Vamos fundo nisso”. Então, eu fiz um conjunto de entrevistas de histórias de vida – umas 35 entrevistas, mais ou menos – e aí, comecei a recuperar o que eles chamavam de regras do mundo do crime, como é que se organizava o crime. E, enfim, aí tem toda uma coisa interessante em termos de pesquisa, porque a minha presença, usando sempre o gravador, teve... os presos me consideraram de forma diferenciada ao longo do tempo. Então, no primeiro momento... E sempre com vigilância. Sempre com alguém atrás ouvindo o que eu ia perguntar, etc. Então, isso aí, para uma aula de metodologia, é um show, porque aquela ideia de que a... se você obteve a informação com alguém te vigiando, então,

essa informação não tem validade, não tem não sei o quê... E, aí, enfim, toda a discussão da contextualização da informação, etc. Então, isso foi mudando...

C.C. – Hoje, com a configuração dos comitês de ética das coisas, seria difícil fazer a pesquisa.

J.R. – Hoje, seria difícilimo. Certamente.

C.C. – Nosso querido Luís Fernando [Duarte], lá, que diga as batalhas que enfrenta, a imposição de um modelo de ética na pesquisa que vem da medicina e das biomédicas.

J.R. – É, isso mesmo. Nossa. Não, hoje, acho que não daria. Mas aí em um primeiro momento, eu fui considerado... acharam que eu era policial, porque eu estava... Os presos foram escolhidos pelos funcionários para conversar e eles achavam que eu era policial, então o discurso era todo um discurso um pouco montado para o que um policial poderia ouvir, só que a estratégia de perguntas através de histórias de vida, com o tempo, as pessoas ficaram... “Mesma coisa...” “De onde é, tua família e tal?” “Pô, esse cara não é policial. Policial não faz esse tipo de pergunta e tal.” E para os próprios funcionários que me vigiavam, depois da quarta, quinta entrevista: “Pô, vou ficar aqui, do lado, sentado, ouvindo esse cara perguntar a mesma coisa, sempre?”. Então, isso aí foi alterando. Então, em um determinado momento, eu fui policial; depois, em um outro momento, eu fui visto como jornalista – e, aí, ao contrário dos primeiros momentos, para os jornalistas, eles queriam falar tudo que estava acontecendo, que eu ia chegar lá fora e ia denunciar e não sei que, não sei que lá, embora, naturalmente, eu, desde o início, começasse a entrevista falando: “Olha, isso aqui é um trabalho da universidade. Eu não sou jornalista”. Não adiantava. E aí os próprios presos começaram a chamar outros presos para falar comigo. Aí, não passou mais pelo controle dos funcionários. Enfim, toda essa história. E, depois, em um outro momento, eles acharam que eu era advogado, e, aí, vinham com uma coisa toda argumentada para ser usada com o advogado [para ajudá-los e tal].

C.C. – Para você ajudar.

J.R. – Enfim, então, tudo isto ocorreu, e aí teve este incidente, que foi... que, por acaso, foi a melhor entrevista que eu fiz, de um cara que estava preso por assalto a banco... Aliás, uma coisa

importante de falar: naquela época, os presos ligados a tráfico, drogas e tal, eram um número muito pequeno, então, a maior parte dos presos – e eu privilegiei este grupo – eram presos pelo que chamavam de crime contra o patrimônio. Correspondiam a uns 75%. Que eram três artigos do Código Penal: 171, 155 e 157 – assalto... assalto com morte, furto simples e 171, que é o... a pessoa que engana o outro, que falseia e tal... Só um parêntese: encontrei... um dos presos que eu entrevistei foi preso porque loteou – eu sempre conto esse... [Risos] – um preso que loteou o Parque do Ibirapuera e vendeu lotes do Parque do Ibirapuera. Foi preso por 171. Mas esse cara...

C.C. – Hoje, seria um contexto diferente de pesquisar, com as facções e o tráfico.

J.R. – Ah, hoje, é bem diferente. [inaudível] Aí, muda bastante.

C.C. – Só para localizar no tempo: a Julita Lemgruber...

J.R. – Foi mais ou menos nesse período.

C.C. – Foi mais ou menos na mesma época que ela fez com as mulheres presas, o mestrado? Mas você chegou a conhecer ela, nessa época?

J.R. – Sim. Ela era orientanda do Gilberto. Não, a gente conversou muito, e ela... A tese dela foi um pouco depois da minha, se eu não me engano. Um pouco depois. Enfim, mas, aí, nesse caso, esse cara que era considerado um bandidão – um cara super tranquilo, deu uma entrevista excelente... Um verdadeiro intelectual, eu diria, do crime: um cara que pensava, que sabia o que que era o crime. E, aí, ele falou: “Poxa, mas aqui está muito ruim para fazer esta entrevista. Vamos para um lugar que tem uma sala que não tem... é à prova de som? A gente vai para lá e tal”. E eu: “Vamos”. E estava lá dentro; de repente, começam a bater na porta – *pá, pá, pá*. Era o meu... o chefe do expediente, que me colocava lá dentro, apavorado, falando: “Você está louco. Nunca mais você vai pisar aqui e tal. Como é que você se fecha num lugar com um criminoso desse porte, não sei o quê”. E o cara olhou... O cara, não foi nem com ele, falou: “Ah, não, então, não tem problema. A gente continua a entrevista lá. Podemos voltar para o lugar anterior e tal”. Mas quase eu perdi, nesse momento, porque fiz esse movimento ousado

de não ter nenhum tipo de vigilância. Então, a questão da vigilância, eu faço uma... Na minha dissertação, que depois virou livro, eu faço toda uma discussão sobre essa coisa da vigilância, do controle das impressões, este tipo de coisa [inaudível]

C.C. – Goffman, você leu na época... Agora, só para... mais por curiosidade: você viveu essa experiência, lá, de pesquisa de campo em 1975, 1976.

J.R. – Isso.

C.C. – Casa de Detenção. Carandiru. Carandiru, depois, virou livro, virou filme, virou massacre, virou um ícone. Você, vendo os livros do Dráuzio, o filme, o que aconteceu, como é que você vê o Carandiru e a Casa de Detenção, na sua experiência, na sua ótica de muitos anos antes?

J.R. – Algumas pessoas, quando leram o livro do Dráuzio Varella, falaram assim: “Parece que eu estou lendo o teu livro”. Pessoas... Até porque o Dráuzio teve uma experiência profissional muito mais intensa do que eu tive e tal, mas eu acho que o dele... O trabalho dele foi o quê? Uns dez anos depois do meu, mais ou menos, não é isso?

C.C. – É, mais ou menos.

J.R. – Eu acho que eu não tenho certeza de como responder isso, mas eu suponho que a coisa das drogas e tal tenha começado a ficar mais intensa...

C.C. – Não, mas eu pergunto assim: quando acontece o massacre, quando acontece o filme e tudo o que é o Carandiru, hoje, isso, você reconhecia como uma possibilidade, foi uma surpresa de alguma coisa que mudou radicalmente da tua experiência? Nesse sentido.

J.R. – Não, porque, na época... Por exemplo, eu, mesmo, quando chegava lá, toda semana, sempre estava saindo de lá uma ambulância com alguém esfaqueado, alguém não sei quê. Tinha um contexto... E a Polícia Militar ficava ao lado do Carandiru, então, tinha uma tensão muito grande e tinha, também, uma tensão entre os presos. Porque os presos, dependendo do pavilhão,

tinham um contexto de conflito muito grande e tudo. Eu procurei, também, alguma relação com os presos políticos que passaram por lá, mas eu não achei isso uma coisa importante. Não me pareceu importante. Mas, enfim, então, eu tive... A minha dissertação de mestrado foi... Eu tive na banca, como membros da banca, o Peter Fry, porque tem uma parte da dissertação em que eu falo da questão da sexualidade dentro da cadeia, e o José Augusto Guilhon de Albuquerque. Além da Ruth. O José Augusto Guilhon de Albuquerque fazia parte de um grupo na Editora Graal, na época, que estava publicando trabalhos nessa linha aí – num Foucault e tal. E o José Augusto Guilhon saiu da... acabou a dissertação e falou: “Quero publicar a tese no [inaudível]”. Acabou saindo a primeira edição em 1979. Logo em seguida.

C.C. – Como é que foi a repercussão, na época?

J.R. – Foi uma repercussão, modéstia à parte, espetacular, porque eu participei de muita coisa: muito programa, dei muita entrevista e tal. Porque era uma certa novidade, um trabalho socioantropológico sobre cadeia, com os detalhes que eu fiz e tal – eu acho que era uma novidade. Depois, houve outros: a própria Julita e tal, mas, na época...

C.C. – Edmundo, depois, fez com os agentes penitenciários, não é?

J.R. – Isso. Isso. Depois, aí tem toda uma rede que se formou depois, de pessoas que, até hoje, são pessoas importantíssimas nesse trabalho: o Sérgio Adorno, a Alba [Zaluar], o Januário ...

C.C. – O Sérgio Adorno, nessa época, não estava... Quer dizer, você vai ser da SBS, depois, com ele, mas, nessa época, ele ainda [estava na] CAPES.

J.R. – Mas eu acho que o meu trabalho teve essa função, um pouco. Tanto que o livro, ele teve uma tiragem inicial de 3 mil exemplares. Na época, saiu tudo, e fez em... 1981, 1982, não me lembro muito bem, teve a segunda edição, mais 2 mil, e, depois... e, aí, esgotou a segunda edição, ficou esgotado um tempo, e aí o IBCCRIM, nos anos 2000, resolveu fazer uma terceira edição, fez 4 mil exemplares, e também acabou – e, no IBCCRIM - com prefácio do Sérgio Adorno. Sérgio Adorno fez o prefácio. Mas, então, o livro teve essa... acabou sendo uma certa

referência em termos desse tipo de trabalho. Muita gente diz que eu devia ter continuado nesse tema. [Risos]

C.C. – [inaudível] criminoso. Agora, José Ricardo, pelo teu Lattes, aparece, nesse período, ainda – 1975, 1976 –, você como assessor sociológico do... É *cédi* ou *cedí*¹ que fala?

J.R. – Varia. Aqui, no Rio, o pessoal sempre chamou de *cédi*. Em São Paulo – porque tinha uma sucursal –, o pessoal chamava de *cedí*. Porque foi um pouco para...

C.C. – O que era essa assessoria que você fazia?

J.R. – Esse... Porque como o CEDI era... Esse Centro Ecumênico de Documentação e Informação reunia pessoas da igreja protestante e Igreja Católica de origem religiosa – pastores e padres e tal – do movimento ecumênico na América Latina, no Brasil, de resistência à ditadura explícita – tanto que foi... Outro dia, tive acesso à ficha do meu pai no DOI-Codi, no Dops e tal, uma ficha de umas cem páginas e só de coisa referente ao CEDI, entendeu? Era esse tipo de trabalho que a gente fazia. Basicamente, eles buscaram ligar, como eu falei, trazer intelectuais – cientistas sociais, em geral – de outros lugares, da universidade, para trabalhar, para fazer esse trabalho híbrido entre você ser da universidade e, ao mesmo tempo, prestar assessoria ao movimento social; então, esse trabalho foi super intenso e, até hoje, tem desdobramentos em outras áreas, porque o CEDI termina em 1993 e se transforma em três outras instituições. Uma delas é o Instituto Socioambiental, que é uma mega ONG na área ambiental, de meio ambiente; a outra que se chama Ação Educativa, que também veio do CEDI, que trabalha com educação popular, hoje; e a Koinonya, que é a parte de liberdade religiosa, que permaneceu... que virou o CEDI aqui no Rio, que trabalha com várias religiões e tal até hoje. Mas o trabalho que a gente fazia: a gente era acionado por, no meu caso – meu grupo –, pelo movimento sindical, em geral, para prestar assessoria. Prestar assessoria significa dar curso, ir lá, discutir conjuntura, este tipo de coisa. Preparar material. A revista do CEDI, que é a *Tempo e presença*, que foi editada pelo meu pai durante muito tempo, é uma revista que virou referência em todos esses debates, porque ela virou um mecanismo de reprodução, de

1 O entrevistador se refere ao CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

discussão, de debate. E, enfim, então nós fizemos isto. Nesse grupo do CEDI que trabalhou mais com a parte de trabalho, de trabalhador, tinha o Aloizio Mercadante, em São Paulo, e a Heloísa Martins, e aqui no Rio, além de mim, o pessoal que trabalhava em área rural: o Beto Novaes, Regina Novaes, a Neide Esterci, e trabalhou, também, a Lígia Dabul, durante um tempo, e esse grupo, enfim, fez isso – eu fiquei, nesse período, encarregado, também, de fazer um... A gente fazia um trabalho de contrainformação, a gente criou um boletim – que chamava *Aconteceu* – que pegava as notícias da imprensa que saíam mais ou menos censuradas e fazia uma edição das notícias. E fizemos vários dossiês, alguns deles, inclusive, viraram referência em termos estatísticos, porque nós fizemos levantamento de todas as greves que não apareciam na imprensa – nós fizemos através dos boletins sindicais, esse tipo de coisa. E, bom, além disto, aqui no Rio, o José Sérgio Leite Lopes, a Rosilene Alvim, a Bia Costa – pessoas que participavam, também, desse processo... E foi nesse contexto, fazendo assessoria na Baixada Fluminense, que eu fiquei conhecendo as questões do operariado do Rio de Janeiro, particularmente dessa região da Baixada que tinha a Fábrica Nacional de Motores.

C.C. – A “FeNeMê”.

J.R. – A FeNeMê. Então, foi nesse contexto de fazer esse dossiê – que foi por causa de uma greve que teve na Fiat, em 1981 – que eu me entusiasmei por discutir essa coisa da diferença geracional entre os setores dos operários e tal.

C.C. – Mas, só para retomar o fio, vamos dizer, mais biográfico: você morou em São Paulo até...

J.R. – Eu morei em São Paulo em 1975 e 1976.

C.C. – Aí, voltou ao Rio.

J.R. – Aí, voltei para o Rio. Dei aula em faculdade particular e fiz concurso para professor... hoje, substituto; na época, professor...

C.C. – Colaborador?

J.R. – Colaborador, em 1979, para o IFCS, e fui contratado através... por causa de uma greve, pelo ministro da Educação – Coronel Ludwig, na época –, que [inaudível] por causa da greve ele botou todos os colaboradores para dentro, digamos, sem concurso público, na verdade. Eu só fiz concurso público quando fiz concurso para titular. Antes disto, esse grupo de professores colaboradores entrou dessa forma para a universidade.

C.C. – Quer dizer, você começou a dar aula já em 1979, a dar aula de sociologia?

J.R. – É, aí, eu já entrei, em 1979, como colaborador, no IFCS, e aí, evidentemente, me mandaram para dar aula para a Educação Física. Dei aula por cinco anos na Educação Física, de sociologia, [Risos] antes de conseguir o meu passaporte para entrar lá no IFCS.

C.C. – Tinha que prestar o serviço militar... Era uma época, também, de... A gente estava conversando antes: eu fui aluno em 1981, eu entrei no IFCS. E os professores... Tinha professores de uma geração mais nova, que tinha pesquisa, e tinha uma geração mais antiga, que não tinha muita pesquisa. Mas teve – eu me lembro – a aula inaugural foi com o Darcy Ribeiro, que tinha voltado, já, do exílio, que era professor titular, que tinha sido afastado e tal. Eu me lembro da aula inaugural do Darcy – lotou, foi todo mundo lá para assistir –, eu me lembro muito dele falando: “Vocês não precisam estudar, assistir aula, não. Só de andar por aqui, sentir essas... Já são pessoas diferentes”. A gente ficou assim, olhando... “Poxa...” [Riso.] Era um contexto... E muito, me lembro, experimental, do ponto de vista dos professores – mais jovens, principalmente –, de métodos didáticos, pedagógicos: autoavaliação... Era... Tinha todos os tipos de coisas para quebrar, vamos dizer, com o autoritarismo, não só macropolítico, mas também nas práticas. Então, tinha desde autoavaliação, que era curioso, porque o primeiro ia lá, botava sete; aí, o outro, oito; aí, *pô*, dez; aí, todo mundo botava dez – ou seja, tinha uma coisa de...

J.R. – Darcy Ribeiro é uma figura nacional e tal. Só que ele viveu uma época. Quando ele voltou para o IFCS, naquela outra época, ele já veio perdido, completamente. Aí já não funcionou no departamento de antropologia, começou a ficar se sentindo...

C.C. – Foi para a carreira política. Foi ser vice-governador.

J.R. – Ele devia ter feito isso... Enfim... Alguns professores... Bom, enfim, então, essa questão da assessoria e academia foi uma tensão permanente, também, dentro da instituição – no CEDI –, porque o pessoal falava: “*Porra*, mas essa coisa de ficar aí, dando aula e tal, você tem que vir para cá, não sei quê...”, e a gente ficava – não só eu como Beto Ricardo, outros...

C.C. – Beto Ricardo do ISA, não é?

J.R. – Do ISA, é. Que era, também... E a Heloísa e tal, a gente era questionado por fazer o que eles chamavam de dupla militância. Só que, enfim, eu acho que essa tensão foi uma tensão importante para a instituição e foi uma tensão importante para nós. Isso tem a ver, também, com uma influência teórica. Eu acho que tem um período que a intelectualidade de esquerda passou a ser mais crítica – e aí tem a ver com a Maria Célia Paoli, Eder Sader e outros –, quando nós começamos a ler mais o Thompson, a pensar um pouco a classe trabalhadora como sujeito da história. Então, a relação com os trabalhadores deixa de ser, um pouco, uma elite política que comanda e diz, que era a estratégia do Partido Comunista, para um outro tipo de ação, que era os intelectuais reconhecerem a importância e o protagonismo do povo. Não estou falando que isso, depois, se confirma, ou não, mas naquela época, foi essa a passagem. Então tem um grupo que teve muita... investiu muito nesse tipo de postura teórica, e era... e o Thompson foi um autor que fez uma crítica muito forte ao estruturalismo marxista do Poulantzas e tal, então, isto, para nós, foi visto como... “Puxa, finalmente temos um marxista que pensa a partir do povo, das bases e tal” Então isso teve uma influência muito grande no tipo de trabalho que eu estava fazendo, e de outros, também; na verdade, eu acho que é uma geração que ficou muito influenciada por isso. No IFCS, certamente... A Elina Pessanha, a Regina Morel – pessoas que tiveram uma influência muito grande, também. Sem falar no Museu, no José Sérgio, no Afrânio, em Rosilene, na Neide e tal...

C.C. – Agora, você faz o doutorado a partir de 1981, na USP, com a Ruth, de novo. Esse é um momento em que explodem as pesquisas acadêmicas sobre o novo operariado, o novo sindicalismo, as greves do ABC – tem um monte de coisa interessante. Mas, antes, você vai estudar a FeNeMê aqui, no Rio, não em São Paulo, o ABC, que vai ser o berço do novo

sindicalismo, mas também de uma produção acadêmica muito intensa, e, no campo da história, por exemplo, a gente já pode resgatar que existia movimento operário no Rio de Janeiro, e sindicalismo, antes; que não nasceu em São Paulo. Mas como é que foi essa tua escolha, opção pelo... quer dizer, pelo tema macro, de estudar operariado, sindicalismo, e na FeNeMê, como é que foi?

J.R. – Eu tinha uma ligação com o ABC através do CEDI e tal. Nós, no CEDI, fizemos, inclusive, um livro lá para o sindicato e tal, e eu tenho... E, depois, eu estendi o meu trabalho de pesquisa – eu tenho até hoje – um trabalho que compara o ABC com outros lugares no Rio de Janeiro. Mas, naquela época, tinha uma... E, aí, não sou só eu, mas, também, a Elina Pessanha, a Regina Morel, o Marco Aurélio Santana e tal, pessoas que resolveram apostar na recuperação da memória de luta da classe operária do Rio de Janeiro. E sempre tinha uma piadinha com os paulistas, principalmente o Leôncio, que costumava falar: “Por que você está estudando... Lá não tem classe operária, no Rio de Janeiro. Vocês estão inventando classe operária no Rio de Janeiro”. Então, isto é muito curioso. Bom, a FeNeMê é um exemplo importante de uma classe operária formada com todos os preceitos do Estado Novo e tal, do... a criação do novo brasileiro do Getúlio e tal, então, teve uma importância, também, histórica importante, e, mais recentemente, eu tenho pesquisado uma classe operária que se formou com a vinda da indústria automotiva para o sul fluminense, que é uma classe operária que mudou... O pessoal do ABC está vindo, ou está se transformando num novo ABC no sul fluminense. Até hoje. Está cada vez mais complexo. Mas, enfim, então foi um pouco essa a ideia de criar... Eu acho que é por isso que Estudos de Trabalho se transformou numa coisa importante no IFCS, esse grupo que... E, hoje, tem outros colegas fazendo isso, também. Agora, tem também, uma coisa que eu acho que é importante falar, no IFCS: foi a questão do Laboratório de Pesquisa Social. O Laboratório de Pesquisa Social. Bom, primeiro, é a questão da ocupação do IFCS. Esta é uma coisa que sempre é importante falar, porque o IFCS era essa coisa assim, meio... não tinha lugar para ficar, então todo mundo ficava lá, dava aula e ia embora para casa e tal, e, de repente, nós – e, aí, no início dos anos 1980 – eu, Yvonne, Rosilene e Neide – resolvemos limpar uma sala – com apoio do Michel e tal – limpar uma sala e ocupar esta sala e ficar lá. Que, hoje, é a Sala Evaristo de Moraes. Então, nós estabelecemos lá nossas mesas e tal, e isso deu uma mudada muito grande, porque, a partir daí, veio a ideia da criação do Laboratório de Pesquisa Social, que foi uma ideia muito promovida pela Yvonne, mas também pela Filippina

Chinelli, pelo Michel e, depois, por todos nós – Peter, posteriormente, com a questão da relação com Moçambique e tudo –, e o Laboratório foi essencial, porque trouxe a questão da pesquisa para os alunos nossos, de graduação, entendeu? [inaudível]

C.C. – O que era uma novidade. Ele foi criado em meados dos anos 1980, eu já estava saindo, e era novidade ter bolsa de pesquisa, porque, no início, não tinha – em 1981, 1982, você não tinha.

J.R. – Além das bolsas de iniciação, que eram poucas, o Laboratório também começou a conceder bolsas de pesquisa para estudantes de graduação. Isso aí foi uma revolução para nós, viu? Porque vários núcleos foram criados e os alunos... Isso, naturalmente, implementou a pós-graduação, porque os alunos que se formaram lá começaram a buscar pós-graduações e nós sentimos a necessidade de mantê-los conosco. Então, isso foi importante. E, nesse contexto, teve o programa com Moçambique. Nós tivemos, durante oito anos, estudantes moçambicanos vindo. E nós fazíamos a seleção lá... Eu fui duas vezes a Moçambique.

C.C. – A Gláucia fala muito, na entrevista dela, sobre Moçambique, e o Peter também. Mas como é... Você foi duas vezes a Moçambique?

J.R. – Eu fui duas vezes. Uma, eu fui com o Colin Darch, que trabalhava na... Era um bibliotecário que trabalhava no Rio... Eu estou me esquecendo, agora, o lugar, mas ligado à África do Sul. E eu fui com ele uma vez e outra vez com o Peter. E nós fizemos uma... Enfim, nós fazíamos a seleção dos alunos. E foi um programa belíssimo, porque nós fazíamos a seleção mesmo, então não tinha aquela coisa do filho do ministro, não sei quê, nada disso. [inaudível]

C.C. – Estava tentando lembrar: se eu não me engano, [inaudível] que a primeira seleção, mandavam as pessoas, mas perceberam que tinham que selecionar lá para não ter o *bias* de mandarem só os... a elite.

J.R. – Exatamente. Essa foi uma coisa do Peter. O Colin Darch era da Cândido Mendes, do Centro de Estudos Africanos da Cândido Mendes – que foi comigo. Estava tentando me lembrar.

C.C. – E lá em Moçambique, como é que você...

J.R. – Moçambique foi, assim, uma experiência... Eu tive dois orientandos moçambicanos – um deles, inclusive, hoje, é deputado pela RENAMO, lá em Moçambique, e a outra era uma menina que era filha de uma das principais líderes sindicais de Moçambique – foi minha aluna, aqui – e outros: o Manuel Macia, que foi aluno da Neide, atualmente, acho que é vice-reitor da Universidade Eduardo Mondlane e tal. Então, eles tiveram uma... Esse trabalho teve um desdobramento, para Moçambique, fantástico.

C.C. – E eles se adaptavam bem, aqui?

J.R. – Se adaptavam muito bem aqui. E eles eram... A gente fez boas seleções, então, eles eram bons alunos. Eles eram alunos que tiravam notas altas, então... E passaram, assim, com muito... Tiveram uma recepção muito boa, eu acho, tanto por parte dos professores como dos colegas. Foram integrados nos núcleos e tal.

C.C. – Mas todos os professores participaram ou era um grupo...?

J.R. – Não, não. Era um grupo de um programa...

C.C. – África Austral?

J.R. – África Austral, que o Peter fazia parte deste grupo, mas quem coordenava era... não sei se a Yvonne ou o Peter ou os dois. Foram eles que... Bom, mas, no Laboratório, tiveram vários núcleos. E nessa área de trabalho, eu criei, junto com alguns alunos, o Núcleo de Pesquisas Sindicais, o NUPES. E o AMORJ, o Arquivo de Memória Operária, foi criado nesse contexto, também. Esse é o grupo que fazia a parte mais ligada ao trabalho. Mas, no NUPES... O Marco Aurélio Santana fez parte, junto comigo, nesse lance, mas outras pessoas participaram depois, ou viraram assessores sindicais, ou, depois, viraram professores universitários e tal. Mas a ideia do NUPES foi... A professora Paola Capellin também fez parte do NUPES. A ideia do NUPES era fazer um tipo de assessoria também como a gente fazia no CEDI, só que na universidade.

Tinha a marca da universidade, porque o NUPES era da UFRJ e tal. Foi interessante a experiência...

C.C. – E conseguiu?

J.R. – Conseguiu.

C.C. – Porque, dentro da estrutura universitária, é sempre mais difícil viabilizar as...

J.R. – Por um lado, tinha... isso dava uma legitimidade na hora em que a gente ia fazer curso, porque era o pessoal da universidade. A universidade tem essa... é uma proteção importante nessas horas. Por um lado. Por outro lado, nesse período, também, em que a gente começou a fazer isso, havia uma disputa muito grande, política, dentro dos sindicatos. Depois do novo sindicalismo, o sindicalismo entrou em muitas divergências e tal. E aí houve um momento com muita dificuldade para fazer isso, porque o pessoal dos sindicatos começou a questionar: “O que é que esses caras... Vêm da universidade, pegam, aqui, esses dados deles, depois, vão fazer as teses deles, e depois não voltam aqui para discutir conosco e tal”. Então, este tipo de problema ocorreu, mas foi uma experiência interessante, importante.

C.C. – Agora, sobre o IFCS, eu queria falar um pouquinho mais, ainda, porque você entra em 1979 e ainda não tinha sido criado... Foi mestrado em Ciências Sociais, primeiro?

J.R. – Isso.

C.C. – Que, depois, vai se transformar, mais à frente, no Sociologia e Antropologia.

J.R. – Primeiro, foi Ciências Sociais...

C.C. – Tinha um *lato sensu*, antes, não é? Que virou mestrado. Não tinha?

J.R. – Uma especialização *lato sensu*. A especialização virou mestrado. E era mestrado em Ciências Sociais. Só que o mestrado em Ciências Sociais pressupõe as três áreas, e a área de

ciência política sempre foi muito precária nesse negócio, nessa organização. E aí a CAPES fez... visitou e falou: “Olha, vocês têm que mudar isso. Por que não transformar num em sociologia?”. Então, teve todo um processo de convencer os cientistas políticos de serem professores do programa, mas não ter o nome no programa; só que isto aí também teve um problema posterior que foi o fato de metade do programa ser de antropólogos, e o programa se chamava Sociologia. Então, teve um problema posterior. Primeiro, com a ciência política; depois, com a antropologia. Também visita da CAPES, dizendo: “Ah, mas se são metade de cada um, como é que é o programa?” Então, nós batalhamos – e é uma batalha... é uma tensão permanente até hoje, mas eu acho que é isso que dá a riqueza do nosso programa – nós começamos uma discussão de como combinar as duas coisas.

C.C. – Sociologia e Antropologia. E, vocês, eu acho notável, porque é o caso de um programa que nasceu de baixo e chegou ao [conceito] 7, não é? Não nasceu 7. Porque tem uns que nasceram 7...

J.R. – Pois é.

C.C. – Vocês foram do 3 para o 4, para o 5, para o 6, para o 7. Como é que foi acompanhar...

J.R. – Acho que foi um processo. É um processo que tem a ver com o Laboratório, eu acho; tem a ver com o fato de que nós, todos nós, de alguma forma, começamos a ter uma produção intelectual e bibliográfica maior, começamos a orientar alunos e a ver um desdobramento do nosso trabalho, e fizemos um trabalho, também, eu acho, de...

C.C. – Substituição do corpo docente, também...

J.R. – Substituição, e de participar com mais intensidade nas diversas instâncias decisórias, tipo CAPES e muito na Anpocs, e isso aumentou muito a visibilidade. Nós tivemos, naturalmente, problemas com... A competição, no Rio de Janeiro, era muito intensa, muito grande, na época, entre o IUPERJ e o Museu, então, isso foi... Houve conflitos aos longo desse...

C.C. – Também teve, não vou me lembrar quando, mas... também a Antropologia do Museu, e lá Antropologia Cultural. Quer dizer...

J.R. – O Museu, digamos, não foi favorável a essa incorporação, então, teve que haver toda uma discussão para essa incorporação. E o IUPERJ também, na época, não se conformava do nosso programa ter passado para A numa... Passou para A em sociologia... Não era nota até 7. E isto foi motivo de... Enfim...

C.C. – Já a pós de Ciência Política não deu certo, não é? Acabou sendo extinta, não é?

J.R. – Não, Ciência Política [inaudível] A ciência política... Não, foi... É, não, acho que não fizeram novamente, porque...

C.C. – Fizeram o mestrado, que teve nota 2 e foi...

J.R. – Fez o mestrado, que foi uma nota 2 e foi tirado.

C.C. – Isso. Por que você acha que a... Você mencionou a Ciência Política. Desde aquela época, assim, até hoje, é uma área, no IFCS, que, enfim... Conviveram, a sociologia e a antropologia, com todas as tensões, mas conseguiram fazer uma... uma união do bem, vamos dizer assim, para conquistar alguma coisa – convivendo, também, com a fronteira, ali, com historiadores, pessoal de filosofia e tal, mas a ciência política não encaixou muito... Não sei, fica à vontade de... [Risos.] de comentar.

J.R. – Não, eu acho que... Quer dizer, eles não conseguiram uma liga, entendeu? Embora tenha gente de... gente muito competente e tudo, mas tem uma passagem, aí, que eu acho que acabou não funcionando. E também uma coisa meio crítica que acabou sendo crítica à sociologia e à antropologia, que é essa coisa da excelência. Esse pessoal fica buscando excelência, entendeu? Isso aí como uma crítica política. Só que a pós-graduação não funciona assim, e aí o resultado é que acaba não sendo... Não sei se eu estou sendo justo, mas, enfim, minha impressão é essa.

C.C. – Vamos voltar um pouco... Quer dizer, a gente vai e volta, porque os temas, às vezes, avançam na sua trajetória. Mas a gente estava falando antes, da sua entrada no doutorado, de como esse contexto, aí, de finalzinho dos anos 1970, início dos anos 1980 – essa questão do sindicalismo, da nova classe trabalhadora, estava explodindo na academia e na política, também... Mas, antes de falar do doutorado, propriamente, queria perguntar sobre a tua, vamos dizer, filiação, participação, atuação política, *stricto sensu*. Você tinha? Você se filiou ou não? Como é que você se enquadrava nesse espaço? Porque cobravam muito das pessoas, as opções. O PT, inclusive, era “oPTei”. “OPTei” era a marca de...

J.R. – No CEDI, nós participamos intensamente na organização do Partido dos Trabalhadores. Em São Paulo e no Rio. Por várias... Mas não, assim, no sentido de filiação e tal. Nunca fui filiado ao PT. Mas todo o trabalho de organização, nós fizemos bastante, como CEDI, e eu também.

C.C. – O PT tem, vamos dizer, esse...

J.R. – Pelo viés do ABC. Claramente.

C.C. – É, mas o PT, no momento de criação, formação, tem, vamos dizer, um fluxo muito grande da questão... da religião – tanto de Comunidades Eclesiais de Base quanto, também, de um ecumenismo protestante –, e vai ter, também, da esquerda anterior – dos intelectuais, vamos dizer, de esquerda que vão se juntar, enfim, com os sindicalistas e... E esta é a história do PT. Você entrava por essa tradição religiosa?

J.R. – Olha, a minha... Quer dizer, eu era...

C.C. – O CEDI, que você entrava? Pelo CEDI...

J.R. – Eu entrava via... pelo CEDI, que é essa coisa... sei lá, uma esquerda que tinha uma atuação via o espaço da Igreja, católica e protestante. Mas não era religiosa no sentido de que era da Igreja. Não era proselitismo religioso. Mas o canal para a participação política foi através

daí. Não foi através de nenhum partido que já existisse, ou nenhum partido comunista, nem nada.

C.C. – Mas você não chegou a se filiar, por exemplo, ao PT, nesse momento, porque não queria, era opção, ou porque não...?

J.R. – Não achei necessário, na época. Ou, também, por falta de oportunidade e tal. Mas participei de reuniões e tudo. Mas nunca me filiei. Talvez tenha me filiado, mas foi há muito tempo, foi logo no início e tal, mas não lembro. Não sei nem mais número de filiação, de nada disso.

C.C. – Você chegou a pensar em fazer doutorado em outro lugar que não a USP?

J.R. – Eu tive a possibilidade de fazer um doutorado lá na Inglaterra, com... Eu tinha pensado em alguém como o Hobsbawn e tal, na época. E não fui. Não fiz essa... Acabou não dando certo essa opção por questões familiares, por questão de, enfim, [inaudível] necessidade de ter... da Neide ter filho antes de uma certa idade.

C.C. – Você tem o Tomás, o Emiliano e...?

J.R. – O Emiliano nasceu em 1978, e o Tomás, em 1979. Então, isso me impediu, um pouco, na época, criança pequena e tal. Mas, em seguida, eu fiz meu pós-doc. Fiz dois pós-docs mais extensos, na Inglaterra. Foram, também, coisas muito importantes para mim em termos de discussão teórica, de filiação teórica, de pesquisa e, também, em termos institucionais, porque foi a partir dessa ligação com a Inglaterra que eu coordenei, durante um bom tempo, um acordo CAPES/British Council com a Universidade de Manchester, que permitiu que alunos meus e colegas fossem à Inglaterra e ingleses e britânicos viessem aqui. Este acordo foi muito bem-sucedido, teve vários resultados importantes: alguns alunos fizeram doutorado sanduíche, eu passei um ano em Manchester, em 1995 e 1996, no... Eles criaram um centro de estudos, de trabalho sobre o Brasil, na Universidade de Manchester, nesse contexto, nesse período. Houve, depois, desdobramentos para a Universidade de Campinas e tudo. Então, essa década de... Final de 1980, quando eu estive no Instituto Latino-Americano, e ao longo dos anos 1990, essa

conexão com a Inglaterra foi fundamental. E aí tem a ver com um dos principais pesquisadores, sociólogos do trabalho, britânicos – ele é galês, na verdade –, que é o Huw Beynon, que é meu amigo pessoal e que, a partir desse contexto, publicou, no Brasil, pela editora Paz e Terra, o livro dele, chamado *Trabalhando para Ford*, que foi um livro relativamente revolucionário. Foi muito contestado na Inglaterra porque era um livro de um sociólogo que trabalhava com entrevista, e, aí, o *establishment* britânico disse que aquilo não era sociologia – aquilo ali era antropologia ou jornalismo... Fizeram esse tipo de acusação. Ele tem uma formação muito próxima do Thompson – inclusive, conhecia o Thompson e tudo – e fez um belíssimo trabalho...

C.C. – O Thompson, E.P. Thompson?

J.R. – E.P. Thompson.

C.C. – Tem o Paul Thompson, da História Oral, que faz...

J.R. – Não, o E.P. Thompson.

C.C. – *Voice of the past*.

J.R. – Exatamente. Mas o Huw Beynon fez um trabalho etnográfico fabuloso. Passou um tempo enorme na fábrica da Ford em Liverpoole fez um trabalho... Virou um clássico, foi publicado pela Penguin e tudo. E saiu aqui. Então, ele... Enfim, aí veio aqui ao Brasil, várias vezes, e esse convênio acabou tendo vários desdobramentos e até hoje tem desdobramentos.

C.C. – E, lá, você mencionou o Hobsbawn. Você encontrou com esses personagens chiques e famosos da área?

J.R. – É. Exatamente. [São as] emoções pessoais. No caso do Hobsbawn, eu estava no Instituto Latino... Eu fui para o Instituto Latino-Americano da Universidade de Londres em 1989 e 1991 porque os britânicos resolveram cobrar por doutorado... pós-doutorado.

C.C. – era o Leslie Bethel que estava lá?

J.R. – Era o Leslie .

C.C. – Como diretor? Depois, ele vai para o Center for Brazilian Studies [em Oxford].

J.R. – Foi muito generoso comigo e tudo, me recebeu super bem. Mas eu estava... Minha intenção era ir para Manchester. E aí, Manchester resolveu cobrar £ 2 mil, se não me engano, para as pessoas, e a CAPES falou: “Não. Não tem condição de pagar isso”. Então, acabei indo para o Instituto Latino-Americano da Universidade de Londres. E aí, estava subindo a escada...

C.C. – Russell Square, não é?

J.R. – Russell Square. E aí, estou subindo a escada para a minha sala e vejo, descendo, em minha direção, o Hobsbawn. Aí, eu falei: “Será que eu estou vendo direito, mesmo?” E, aí, descobri que ele estava passando um ano sabático no Instituto Latino-Americano. E aí, encontrei com ele na escada e falei: “Professor, que grande prazer! Eu estou aqui, eu estou vindo do Brasil...”. Aí, meu... Como é que foi a minha entrada? O meu livro, que tinha acabado de sair pela editora Paz e Terra – o livro sobre a FeNeMê, o *Estado-Patrão*. Aí, eu falei: “Eu acabei de publicar um livro na mesma editora que os seus livros, no Brasil”. Aí, ele falou: “Interessante. Vamos conversar, vamos conversar, vamos conversar”. Aí, marcamos uma conversa, e eu conversei longamente com ele... Ele é um cara espetacular.

C.C. – Ele manteve, até morrer, o interesse pelo Brasil. Depois...

J.R. – Ele fez uma palestra, no Instituto Latino-Americano...

C.C. – Com o Lula, não é?

J.R. – Ele fez uma palestra, no Instituto Latino-Americano, sobre pensamento social na América Latina, citando os principais de todos os países: Brasil, Argentina, Peru... Entendeu? Foi... México... Foi varrendo. E, cada um, ele tinha... Então, a cabeça do cara é incrível. Então,

esse foi o meu... Foi a coisa curiosa com ele. E, em Manchester, eu tinha, na sala contígua à minha, uma grande socióloga socialista e feminista chamada Sheila Rowbotham, que era muito amiga do Thompson. Aí, um dia, eu estava na minha sala, ela... E eu sempre falava do Thompson, curioso para saber do Thompson, aí, ela falava: “Você quer visitar a casa do Thompson?” – ele já tinha falecido – “A Dorothy Thompson, que é a esposa dele”. Eu falei: “Como?”. “É, vamos comigo. Vamos pegar um trem e vamos lá na casa dela tomar um chá.” Falei: “Vamos. Claro”. Aí, cheguei lá, e foi uma emoção. A casa do Thompson, não é? Fui recebido lá. E, aí – essa coisa de tiete –, falei para a Dorothy... Primeiro, eu perguntei por que é que o Thompson nunca foi ao Brasil. Aí ela falou: “Porque vocês nunca convidaram”. [Riso.] Como que nunca convidaram?

C.C. – *Shame on us...*

J.R. – E, aí, eu falei: “Onde é que ele escreveu *A história da classe operária*?”. Aí ela me levou num estúdio dele, com a mesinha dele lá e tal, em que ele ficava sentado, escrevendo na máquina de escrever. Então, essas minhas emoções particulares com esses grandes... Enfim.

C.C. – Agora, vamos voltar, aqui, no teu doutorado. Você está entrando... Você mencionou a greve da Fiat, de 1981, que foi uma greve de mais de 42 dias. E aí que surgiu o teu tema? Como é que foi?

J.R. – Foi, porque fizemos algumas entrevistas para poder relatar o evento e tal e aí foi quando apareceram essas... essa coisa geracional, que me interessou muito. E os operários da primeira geração começaram a ser chamados pelos operários da nova geração de reacionários. Era porque eles eram reacionários. E aí eu falei: “Como é que é esse negócio? O antigo é reacionário, e os de agora são revolucionários?” Então, isto me despertou uma curiosidade enorme, e eu...

C.C. – Os sindicalistas, também: tinha o novo e tinha os pelegos.

J.R. – É, pois é.

C.C. – Essa divisão do antes e depois.

J.R. – E, naturalmente, eu... No tempo de 1964, o pessoal... Quando o sindicato, na fábrica, foi ocupado pelo Partido Comunista, o pessoal que morava nas vilas operárias – porque era uma fábrica com vila operária – até, na minha tese, tem uma referência evidente e fundamental aos trabalhos do José Sérgio e da Rosilene sobre fábrica com vila operária – só que a minha fábrica era uma fábrica diferente, porque era uma fábrica estatal, então misturava o Estado com... e, também, a presença dos comunistas pré-1964 foi muito intensa, e os comunistas começaram a falar que os operários que tinham vindo nos anos 1940 para lá eram todos reacionários – todos católicos reacionários. Então aí começou a... comecei a identificar uma oposição, já, que faz parte da história da classe operária do Rio de Janeiro, entre os círculos operários católicos e os comunistas, que já vinha... Porque o círculo operário... Padre Velloso, da PUC. Estudei Padre Velloso. E, depois, em 1981, uma oposição entre o pessoal de uma nova esquerda com o pessoal antigo – falando lá do pessoal antigo...

C.C. – Isto tem mais a ver, talvez, com uma disputa de hegemonia dentro da classe operária, não?

J.R. – Certamente.

C.C. – De estigmatizar, como diria o Goffman, o anterior como... Mas na época você tinha essa percepção, ou isto é *a posteriori*?

J.R. – Não, eu achava... Não. Quando eu comecei a pesquisar, a fazer entrevista com o pessoal das vilas operárias, eu fui mudando completamente a minha... Isso, no final das contas, virou uma crítica à esquerda também, à forma como a esquerda via a resistência, etc. Eu ampliei a concepção de resistência fabril para não ser só a resistência fabril a partir de uma inserção partidária de esquerda e tal. Porque eu descobri que o pessoal que foi trazido do Nordeste para trabalhar na fábrica e que dependia da fábrica para morar, etc, construiu vários mecanismos de resistência, que apareceram em vários momentos, principalmente, e também, no período em

que a fábrica foi ocupada pelos militares, em 1964. A atuação deles foi ao contrário de traição da classe, de apontar e tal.

C.C. – Agora, uma pergunta de leigo, lembrando, até, das leituras de época, inclusive no seu curso: como é que você vê a importância dessa perspectiva, vamos dizer, mais socioantropológica que você se colocou... Mas, por exemplo, o José Sérgio: o acordo de [inaudível], ele vai lá e vê que tem diferença entre o artista... Ele fez categorias dentro de uma coisa que, às vezes, fora dessa perspectiva socioantropológica, mais, vamos dizer, externa ou política, era vista como uma coisa mais homogênea, não? Não sei se... Que tipo... retrospectivamente, você vendo, a colaboração que teve em relação à perspectiva mais, vamos dizer, externa a esse mundo da fábrica, de dentro?

J.R. – Bom, eu acho... Quer dizer... Tinha, evidentemente, diferenças internas a esse... Porque a fábrica tinha um setor... 30% dos operários da fábrica moravam na vila operária, então tinha toda essa influência e tal da fábrica, que era uma coisa que criou, também, laços de atração de migrantes de outros períodos da fábrica, mas tinha, também, uma coisa que eu valorizei muito, que é essa coisa de... o fato de ser um operário fabril trazia, também, um certo orgulho de ser trabalhador e de ter um salário e ser reconhecido, porque os trabalhadores da FeNeMê eram reconhecidos, em Caxias, como... Eles andavam uniformizados, este tipo de coisa. Então, isso é uma coisa contraditória com a perspectiva política de que, ao fazer isso, você é reacionário, você está respeitando o patrão...

C.C. – Cooptado.

J.R. – Cooptado, etc. Então, a minha intenção foi mostrar que isso não era verdade, isso não se comprovava através dos depoimentos do pessoal e tal. Essa pesquisa é interessante, também, porque eu fiz a pesquisa toda sem entrar na fábrica. A fábrica estava fechada. Então foi tudo através de reconstituição, de fotografia, de muito documento... documentação no Congresso Nacional, a CPI... Houve uma CPI para a venda da FeNeMê em que várias pessoas fizeram depoimentos longos sobre a fábrica, então uma boa parte da história da fábrica, eu recuperei através desta documentação. E, finalmente, consegui, no Superior Tribunal Militar, uma

documentação muito interessante sobre o inquérito policial militar da FeNeMê, com todos os depoimentos das pessoas e tal.

C.C. – Agora, José Ricardo, nessa época – final dos anos 1970, 1980 –, começou a ficar muito forte, no Brasil, uma renovação no campo da História – a gente está falando mais de Ciências Sociais – história dos vencidos, enfim... Uma série de coisas começou a entrar, inclusive uma nova história social do trabalho e coisas... Como é que você tem contato com essa vertente de autores?

J.R. – Na verdade, eu diria que a minha tese de doutorado é um trabalho de sociologia histórica. Eu acho que não dá para... Claro que tem uns componentes, uns conceitos da sociologia presentes, mas a presença, a importância da história nesse contexto foi fundamental. E também todas essas pessoas com as quais eu me relacionei na Inglaterra e tal tinham uma percepção sobre a ligação das Ciências Sociais com a História muito forte, de não conseguir pensar...

C.C. – *Past and present*.

J.R. – *Past and present*. Eu acho que... Até hoje, eu considero... Embora os historiadores e os cientistas sociais muitas vezes façam questão de mostrar as diferenças e tal. Mas eu acho que é possível... Pelo menos nessa área, de trabalho, acho que é quase impossível não ter uma conexão, não ter uma interlocução entre a História e as Ciências Sociais. Não vejo como... Eu vejo meu trabalho e não vejo como fazer isso.

C.C. – Agora, você também assume funções na SBS. Você tem o campo, vamos dizer, da pesquisa do conhecimento, que é muito inter ou multidisciplinar e tal, mas também tem departamentos, concursos, revistas, sociedades e tal. Na SBS, você é secretário-geral – 1991 a 1993 – junto com o Sérgio Adorno, não é? Como é que foi assumir uma...

J.R. – A história com o Sérgio... Eu tenho, com o Sérgio, uma amizade muito interessante...

C.C. – Já entrevistei, aliás, para o projeto, também. Tem um... Já entrevistei ele.

J.R. – Muito... É uma amizade de muito tempo. Porque a relação com o Sérgio começa... Quer dizer, tem a ver com a temática do crime e tal, daquela época, mas também começa na SBS, e nós temos um período em que nós fomos parceiros na CAPES, na parte de avaliação dos programas de pós-graduação em sociologia.

C.C. – Mas isto foi depois?

J.R. – Isto foi nos anos 2000. De 2005, 2006, até 2010. Nós ficamos dois períodos de três anos – 2004 a 2010 – dois períodos de três anos, eu e o Sérgio fomos, ele, coordenador, e eu, coordenador adjunto da área de sociologia da CAPES. E isso foi um trabalho muito... Nós estamos escrevendo um texto agora que vai ser publicado, sobre o nosso período na CAPES, e eu acho que foi um período, assim... um *turning point*, eu diria, porque nós conseguimos... No nosso período, houve um crescimento grande da pós-graduação em Sociologia e Ciências Sociais; nós fizemos um trabalho, digamos, de incorporação de mecanismos de avaliação que foram importantes, como a construção do Qualis Periódicos e do Qualis Livros – nós defendemos muito o Qualis Livros na época, em uma batalha muito intensa com o pessoal das outras áreas, principalmente das áreas não-humanas. Enfim, então, eu e o Sérgio tivemos esse trabalho que foi, eu diria... que mudou um pouco a cara da pós-graduação brasileira, e você encontra um certo padrão de qualidade nas pós-graduações de Ciências Sociais no Brasil inteiro, hoje. Se você for, tem alguns princípios básicos e alguns reconhecimentos básicos que são importantes para uma pós-graduação aí por diante.

C.C. – Apesar da crítica que você já mencionou em outro contexto, de que correndo atrás de avaliação, de mérito, de ganhar não sei o quê, é um processo que foi se consolidando e se tornando... É naturalizado, hoje em dia. Quer dizer...

J.R. – É importante. É claro que não está isento de críticas. Porque existe, imediatamente, a crítica do produtivismo, etc. Que é uma crítica real, eu acho, porque, depois... Aí, você começa a ver as multiplicações em função das exigências que existem, hoje. Mas nada disso pode... Tudo isso pode ser modificado, e eu sempre... a gente, eu e o Sérgio sempre dizíamos que esses critérios eram critérios estabelecidos pela própria comunidade. Então, quem estava lá éramos nós. Então, me lembro que o pessoal ficava culpando a CAPES, assim: “Mas a CAPES é o

quê? Nós nos reunimos na Anpocs, nós discutimos critérios, fazemos reuniões com coordenadores...”. E, de repente, a culpa era da CAPES. Então, falei: “Olha, a CAPES não... Se acha que a gente não está certo, então tem que mudar nos determinados espaços para mudar e tal.” Eu acho que a gente, eu e o Sérgio, fizemos... O Sérgio tem um desempenho muito importante, assim, de liderança nesse debate, e eu acho que eu fui um bom parceiro dele nesse processo. E eu acho também que foi nesse processo que o nosso programa de pós-graduação entendeu o que é que tinha que fazer para ganhar essa...

C.C. – Daí você ter mencionado a importância de os professores passarem a participar dessas instâncias?

J.R. – É. Porque, aí, nós começamos a participar...

C.C. – Quer dizer, não é para favorecer o programa, mas é para entender a lógica e participar...

J.R. – A lógica, e, também, interferir, enfim, colocar nossas ideias e tal. Então, acho que esse período com o Sérgio foi importante. E eu, particularmente, não só através de GTs da Anpocs – desde muitos anos na Anpocs – no caso da Anpocs, que eu me transformei, no final das contas, em presidente da Anpocs –, mas participei durante os últimos sete ou oito anos em comitês acadêmicos da Anpocs. Então, não só eu fiquei com conhecimento, através da CAPES, de como funcionava a pós-graduação no Brasil – de conhecer os programas – eu visitei praticamente todos os programas – como também como é que a comunidade se organizou, através da Anpocs, em torno de novos temas, novas questões, etc. Eu acho que foi um pouco essa a intenção.

C.C. – Agora, vou perguntar um pouquinho mais sobre a SBS, Sociedade Brasileira de Sociologia. Você vai ser secretário-geral de 1991 a 1993 e, depois, vice-presidente, de 2003 a 2007. Como é que é a Sociedade? Ela vive, principalmente, através dos encontros que acontecem?

J.R. – A SBS não é como a Anpocs. A Anpocs tem uma estrutura que funciona, com funcionário e tal. A SBS é na força dos seus sócios. E, diferentemente da Anpocs, são sociólogos que se

filiam diretamente à SBS, enquanto a Anpocs são centros de pesquisa e tal. Então, é diferente. Mas o que eu me refiro a 1991-1993, quando a gente assumiu... Porque a gente foi, um pouco, a nova geração. Teve uma interrupção na SBS. Ninguém queria mais e tal. Quando a gente assumiu, nós resolvemos ter uma frequência de encontros que possibilitasse à discussão ir para diante, e a ideia do Sérgio de a gente fazer durante os encontros da SBPC foi uma coisa importante, porque, aí as pessoas iam para a SBPC e participavam também do encontro da SBS. Fizemos uma coisa paralela. Não precisava dobrar recursos nem nada – nem espaços e tal. E, a partir daí, a SBS cresceu muito. Hoje, os encontros são, nossa mãe...

C.C. – Agora, em julho... Você vai lá, na UnB.

J.R. – Não, não vou estar, infelizmente, não, mas o último, lá em Porto Alegre, tinha mil pessoas, mil e tantas pessoas, então, virou... Assim como a ABA, também, eu acho que, e a ABCP viraram grandes encontros de ciências sociais. A Anpocs continua, a meu ver, muito importante.

C.C. – Pois é, eu ia te perguntar, porque a... Bom, a ABA tem uma história mais antiga, consolidada, embora com interrupções; a SBS, vamos dizer, se reconstrói como uma sociedade; a própria ABCP, que tem uma história... termina e, depois, volta, mas os encontros, agora, são grandes – qual é a importância relativa da Anpocs quando você tinha essas associações disciplinares mais fracas ou menores e hoje em dia? Quer dizer, assim, vendo... Trinta anos de Anpocs depois, hoje em dia, qual é a diferença... Porque nos anos 1980 e mesmo nos anos 1990, a Anpocs era o grande centro, vamos dizer assim, das Ciências Sociais. Não sei se... Posso estar errado com a minha impressão de que, hoje, com as sociedades e associações disciplinares, mudou o tipo de importância. Não sei. Aí é a tua experiência de presidente da Anpocs.

J.R. – Quando eu assumi a presidência da Anpocs, o que se falava, assim: “Não, a Anpocs, agora, tem... Está ficando menos importante, tem menos gente e tal”, não se confirmou no período em que eu estive lá. Inclusive, no ano passado, no encontro passado, que nós comemoramos os 40 anos, praticamente batemos o recorde de assistentes em toda a história da Anpocs. Por três ou quatro pessoas a gente não... Mil, quase 1.500 pessoas se inscreveram e

tal. Então, para mim, isso é um sinal de vitalidade, num certo sentido. Outra coisa é a procura dos GTs da Anpocs... é absurda. Cada GT – que só pode ter 12 pessoas – é 70, 80 trabalhos submetidos. Então é uma coisa gigantesca. E eu acho que a Anpocs tem esse papel de juntar as três áreas nos debates, nas conferências e tal, que é uma coisa fundamental, eu acho. É...

C.C. – Junta muito, também, gente do Brasil inteiro. Para quem está fora do eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, é importante estar em contato.

J.R. – Exatamente. Tem pessoas que eu só encontro na Anpocs. Se eu vou na SBS, é um pouco o nicho da sociologia. A ABA, por exemplo, quando, há algum tempo, eu ia na ABA – há um tempo, já que eu não vou, e eu vejo pelos resultados que tem pessoas que eu não conheço na ABA. A ABCP, em geral, é mais separada. E a Anpocs reúne isso tudo junto. A ideia de fazer, também, uma gestão que é sempre compartilhada nas três áreas e tal...

C.C. – Tem um rodízio dos presidentes, não é?

J.R. – Tem um rodízio. Muito importante.

C.C. – Você entrou no rodízio de sociologia?

J.R. – Sociologia. Agora, é o Fabiano [Santos], que é da Ciência Política. Tinha sido o Gustavo Lins Ribeiro, antes de mim, da Antropologia.

C.C. – Agora, uma impressão minha, também, da Anpocs, de ter participado das primeiras e tal, é que cresceu muito, vamos dizer assim, a base de recrutamento de pessoas propondo coisas. Tem muito mais aluno de pós-graduação do que nos anos 1980, então essa correlação altíssima entre número de propostas e GTs... Quer dizer, é muito aluno. Aluno de mestrado, de doutorado, pessoas...

J.R. – A Anpocs criou um seminário que se chama Seminário de Pós-Graduados exatamente para atender esse tipo de público, porque cada vez tem mais cientistas sociais e está havendo, também, uma questão geracional. Acho que... Enfim, se a velha geração quiser apresentar

trabalho a cada GT, não vai ter espaço para as novas gerações. Então esse equilíbrio aí é um equilíbrio que a Anpocs, eu acho que, tem tentado fazer. Eu tentei muito fazer isto. Eu acho que está havendo uma mudança geracional. Eu acho que o Fabiano é uma mudança geracional. Porque o Gustavo é da minha geração. Antes, foi... Antes do Gustavo, foi a Maria Alice [Rezende de Carvalho], não é? E, enfim... Então, a geração dos 60 para cima. E aí o Fabiano já é da geração dos 50 anos e tal. Eu acho que está havendo essa mudança, que eu acho que é uma coisa importante e você nota isso também nas coordenações dos GTs, em que as pessoas... Muita gente... As pessoas mais velhas já não vai mais enfrentar as curvas...

C.C. – Você começa a ver pessoas que você não conhece. “Mas quem são essas pessoas?”

J.R. – Não, eu me lembro que nós, na hora da avaliação das propostas e tal, de vez em quando, tinha lá: “Olha o Lattes desse que está pedindo para ver quem ele é”. Este tipo de coisa acontece. Então...

C.C. – É o alargamento de uma comunidade que era pequena.

J.R. – Agora, acaba sendo limitado, porque não dá para multiplicar o número de sessões e tal, e eu acho que SBS, ABCP e ABA acabam servindo de desaguadouro para as necessidades dos alunos de pós-graduação.

C.C. – Porque podem ser mais elásticos. Lá tem o limite de Caxambu, também. A velha questão de Caxambu. Pode sair ou não; quando sai, não dá certo... E aí tem o limite físico de Caxambu, também.

J.R. – De Caxambu não sai... É, também tem isso. Não, já pediram... Já houve, me lembro... Já recebemos um e-mail dizendo que o programa não ia mais para Caxambu porque pessoas ficaram enjoadas e era muito difícil, etc. Só que, assim, acho que a questão financeira é imbatível. Não tem como... Todas as tentativas outras não funcionaram. Caxambu tem aquela coisa de as pessoas estarem juntas, ali. Tem uma série de vantagens.

C.C. – Vantagens. Mas também tem esse limite que eu falei. Não dá para fazer 80 GTs em Caxambu.

J.R. – Não dá. Não dá.

C.C. – Na USP, dá. Na UnB, dá. Na UFRJ, dá. Agora lá, não dá. Então, isto mantém um certo, vamos dizer, padrão. Mesmo tendo aumentado, mas chega num limite.

J.R. – E tem, naturalmente, uma crítica de elitismo, etc. Acaba tendo, de alguma forma. De ser elitista...

C.C. – Bom, você foi até ano passado.

J.R. – Deixa eu te falar... Eu queria falar... Posso... Ainda tem um tempinho para falar?

C.C. – Claro. Temos, temos.

J.R. – Eu queria falar um pouco disso que eu participei, assim, mais recentemente, e algumas pessoas que foram, também, importantes nesse processo. Uma é... Eu fui editor da revista Estudos do Trabalho, da Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho, junto com o Adalberto Cardoso, então, esta é uma...

C.C. – Que estava aqui, hoje. Encontrei com Adalberto aqui, no CPDOC. Não sei, alguma reunião...

J.R. – ...parceria importante. E eu tive... Quer dizer, o meu trabalho de pesquisa, no momento, como nessa última década e meia, é um trabalho comparativo de três regiões no Brasil, que são o ABC, o sul fluminense e a região amazônica – a região da produção de minério de ferro e ferro-gusa é na Amazônia –, então, para isso, a partir daí eu construí – e é uma coisa que eu tenho muita satisfação – uma rede de pesquisa que se articulou a partir de projetos Procad com a Universidade Federal do Maranhão e do Pará e da Paraíba e projetos agora recentes da CAPES, sobre desenvolvimento e tal. Então... E, aí, tem algumas pessoas importantes: o meu

parceiro na USP, na Universidade de São Paulo, é o professor Iram Jácome Rodrigues – parceiro de muitos anos, meu amigo –, e, agora, com relação a essa rede, o professor Marcelo Sampaio Carneiro, da Universidade Federal do Maranhão, que foi meu aluno de doutorado e que, hoje, foi coordenador do programa, lá, no Maranhão, e que é coordenador de um GT na Anpocs, e o professor Roberto Veras de Oliveira, que é da Universidade Federal da Paraíba e é, atualmente... ambos são da diretoria da Anpocs atual. E são pessoas importantes nesse processo de ampliação da rede de pesquisa que eu... E aí formei, também... Tive um cuidado especial nessa questão da formação de novos pesquisadores. Então, a década de 2000, 2010, foi uma década que eu dediquei muito à formação de novos colegas...

C.C. – [inaudível] tem 50, quase, entre mestrandos e doutorandos.

J.R. – E alguns se transformaram em professores, como o Rodrigo Santos, que foi meu aluno de doutorado, Rafael Lima... Rodrigo Santos é meu colega, agora. O Rafael Lima, lá da Federal Fluminense de Volta Redonda, a Marina Cordeiro, que é da Rural do Rio, o Marco Aurélio Santana, que é diretor do IFCS, a Elaine Marlova, da UERJ... Enfim, são... Estou citando estes nomes – há outros, também – porque esses se transformaram, depois, em professores e fazem parte dessa rede, dessa conexão, que eu acho que eu construí ao longo desse tempo.

C.C. – Sem dúvida. Você mencionou a sua experiência na avaliação – que, também, em alguma medida, na Anpocs e na SBS acontece –, mencionou, agora, parcerias no Maranhão, Pará, Paraíba... Como é que você vê as Ciências Sociais fora do grande centro? Quer dizer, grande centro: Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, sei lá. Os grandes centros. Campinas, acho. Fora disso. Indo para Maranhão, Pará...

J.R. – Eu acho que, durante uma época – e por isto que eu acho que esse período da CAPES, com o Sérgio, foi importante –, durante uma época, o olhar do Sudeste para o Norte/Nordeste era com muito preconceito, de que de lá não ia sair nada de bom nível, etc. Eu acho que essa pressão da CAPES ajudou esses programas a se articularem. Essa conexão, tipo o Procad, funcionou enormemente. Por exemplo... Essas pessoas a que eu estou me referindo aqui, são pessoas de nível igual a qualquer pessoa formada no Sudeste, eu diria, e são pessoas que tiveram experiência no exterior. Aliás, isso é uma coisa que eu também fiz muita questão de

fazer com os meus alunos, que foi forçá-los a ter uma experiência no exterior, de doutorado sanduíche, então, vários deles passaram uma temporada fora, então, isso ajudou muito.

C.C. – O acesso à informação também mudou muito. É porque, nos anos 1980, ou você estava aqui para ir ao IUPERJ, ao Museu, ver os cartazes na biblioteca, ou estava fora. Hoje, com a internet, você tem acesso à informação e a livros e textos de qualquer lugar. Não que prescindia de conversar e encontrar com pessoas que são referência na área e tal, mas mudou muito. Você, nos anos 1970, num estado do Nordeste ou do Norte, estava muito mais isolado do que hoje em dia.

J.R. – E as publicações, também, as revistas – quase todos esses programas, talvez por... talvez, não, com certeza por pressão da CAPES, resolveram criar suas próprias revistas. Aí, o padrão de exigência das revistas aumentou, então, todos os critérios básicos de uma boa revista, tipo parecerista, não sei quê, todas elas passaram a adotar isto, então... E, também, o Qualis Periódicos, na classificação, forçou a ter um padrão de qualidade nas revistas que todos esses programas já atingiram ou estão atingindo. Então isso, eu acho que é uma coisa que mostra que cada vez tem menos diferença nesse sentido. E eles estão, também, com um trabalho de formação muito intenso, muito interessante e tal.

C.C. – Também começou, em anos mais recentes, como um movimento maior, acompanhado, por pessoas, vamos dizer, desse centro acadêmico fazendo concurso e se mudando para o interior antigo e se estabelecendo lá, até por falta de espaço, de oportunidades no Rio e São Paulo e tal. Pessoas assumindo e ficando. Algumas vão e voltam, mas muitas ficam e passam a construir, também... Até com mais espaço, às vezes, para deslanchar sua carreira acadêmica, profissional, do que se ficassem aqui.

J.R. – Por exemplo, um dos meus alunos, Paulo Keller, do doutorado, é professor da Universidade Federal do Maranhão. Foi para lá e ficou lá.

C.C. – Acaba reitor, quando você vê...

J.R. -[Risos.]

C.C. – A ciência política, no caso do IUPERJ antigo, foi, assim, praticamente colonizou... Metade dos programas que tem, hoje, são de ex-alunos que vão, pessoas que vieram estudar.

J.R. – É, e o... Esses programas de intercâmbio que a CAPES criou, tipo o Procad e tal, foram muito importantes, porque, hoje, uma... Assim como o CAPES-British Council significou uma troca de professores britânicos e brasileiros, o Procad criou esse mesmo mecanismo dentro do Brasil. E não só entre professores: a gente recebeu e recebe alunos da pós-graduação deles para passar... fazer o curso com a gente, aqui. Então não é só professor que vem: também alunos entram em contato conosco, aqui, e tal. Então, esse... Eu acho que o nosso programa cresceu muito, nesse sentido. Ele passou a ser referência. Inclusive, lá no Pará, eles mudaram o nome para Sociologia e Antropologia, do programa. E aí foram perguntar para a CAPES: “Como é que a gente faz isto?”, e a CAPES falou: “Não, vocês olhem, lá, como é que o pessoal lá da UFRJ fez e copiem lá o sistema, porque foi assim que funcionou”. Enfim, então, eu acho que a gente... Essa coisa da Sociologia e Antropologia também deu um perfil um pouco diferente para o nosso programa. Ele atrai pessoas diferentes do Museu e do IESP, agora. Porque é um pessoal que não é... não quer uma coisa só sociológica. Então, isto é uma coisa importante para nós. Enfim...

C.C. – Muito bem. É, bom, acho que a gente fez uma bela trajetória, aqui. Quer dizer, você está em plena atividade, também. Tem os seus interesses recentes. Tem uma pergunta que eu passei a fazer de curiosidade, sempre gosto de perguntar, que é: se você tivesse que destacar um livro que foi fundamental na tua formação... Alguma coisa que te vem à cabeça. O que é que te vem assim? O livro que te marcou.

J.R. – Então, certamente, *A história da classe operária inglesa*, do E.P. Thompson. Foi um livro de referência. Mas, no Brasil, os trabalhos do Juarez Brandão Lopes foram essenciais. Leôncio, também. Quem estuda trabalho tem que ler o Leôncio Martins Rodrigues. E... Bom, e na Sociologia, além dos clássicos, o Bourdieu – o Bourdieu, todo mundo lê por Bourdieu. Não sei se Bourdieu...

C.C. – É, não, perguntei uma coisa que, pessoalmente, tivesse sido... O livro que você levaria para uma ilha deserta, seria.

J.R. – É, as coisas... Os trabalhos do Thompson, em geral, por causa desse modo de ver a realidade e tal. Eu acho muito inspirador, muito... Foi muito importante para mim. É claro que tem outras coisas, mas...

C.C. – Está ótimo. É uma ótima escolha. Bom, José Ricardo, obrigadíssimo. Foi um prazer conversar com você. Agradeço, novamente, muito a tua colaboração aí com o nosso projeto.

J.R. – Obrigado.

[FIM DA ENTREVISTA]